

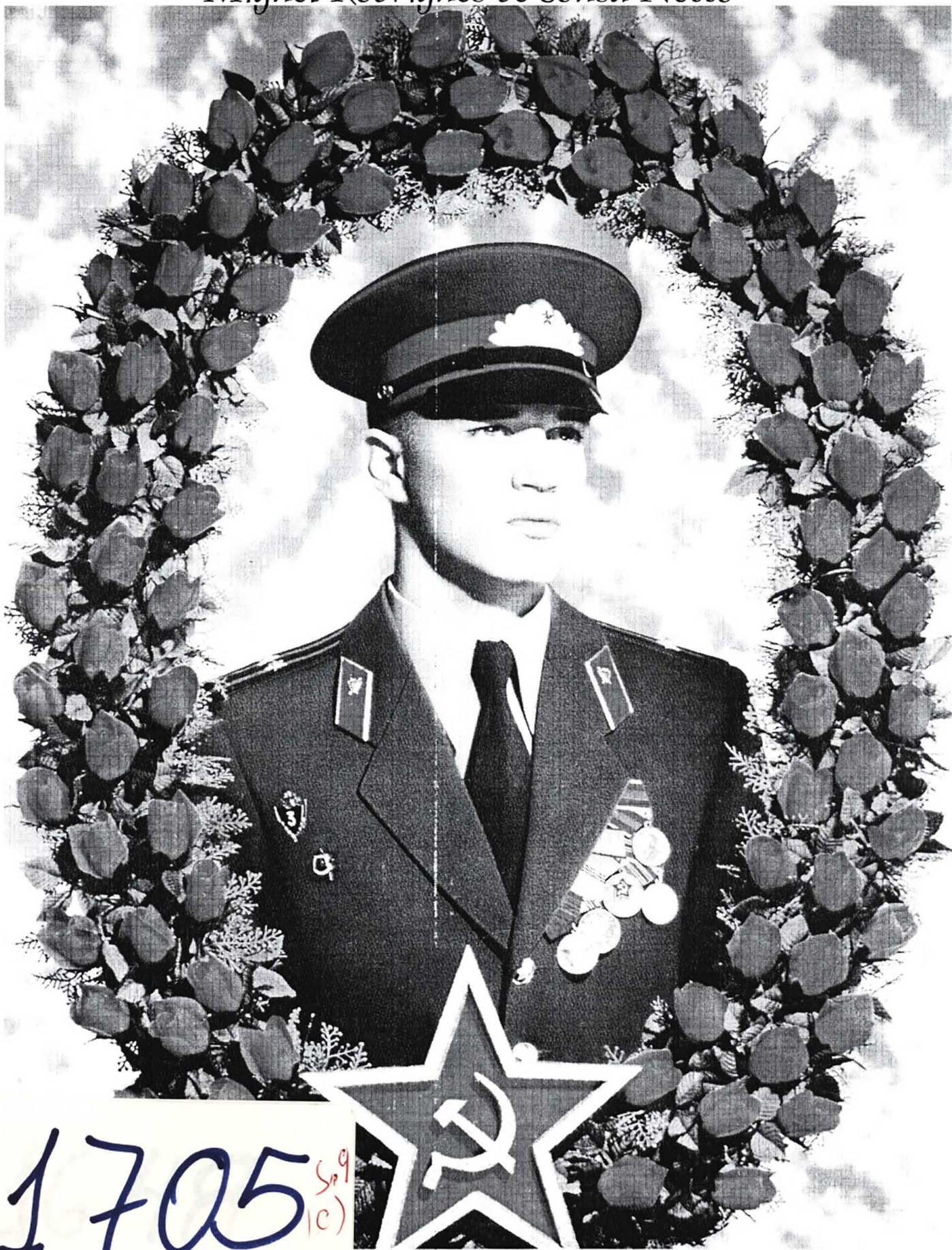
AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Miguel Rodrigues de Sousa Netto



1705^{Sp 9}
(c)

Homofobia de Esquerda: tradição e ruptura (1960-1970)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

Prof.ª Dr.ª Maria de Fátima Ramos de Almeida
Coordenadora do Centro de Documentação e
Pesquisas em História - CDHIS

Miguel Rodrigues de Sousa Netto

**Homofobia de Esquerda:
tradição e ruptura (1960/1970)**

Monografia apresentada ao Instituto de História e Cursos de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História, sob orientação do Prof. Dr. Alcides Freire Ramos.

Setembro de 2002

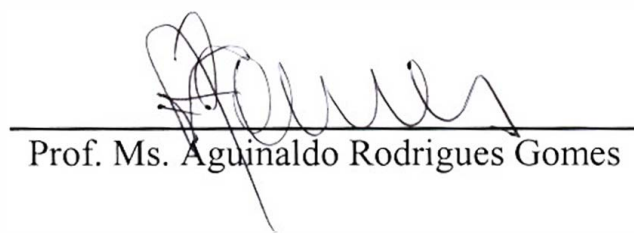
Banca Examinadora

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Alcides Freire Ramos', written over a horizontal line.

Prof. Dr. Alcides Freire Ramos
Orientador

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Rosângela Patriota Ramos', written over a horizontal line.

Prof.^a. Dr.^a. Rosângela Patriota Ramos

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Aguinaldo Rodrigues Gomes', written over a horizontal line.

Prof. Ms. Aguinaldo Rodrigues Gomes

índice

Introdução.....	08
A esquerda brasileira.....	11
Possibilidades de percepção da homofobia da esquerda brasileira.....	25
Rupturas: Fernando Gabeira e João Silvério Trevisan.....	43
Conclusão.....	58
Referências Bibliográficas.....	61

Dedico este trabalho a Heleninha Roitman, Maria de Fátima e
Odete Roitman.

Agradecimentos

Alguns imaginam que este seja um trecho bastante fácil em um trabalho. Acredito que não. A possibilidade de esquecer injustamente um nome me deixa temeroso. Mas tento, aqui, ser sincero com aqueles que me rodeiam e com quem posso partilhar angústias, alegrias, nicotina, álcool, *y otras cositas más*.

Agradeço à banca examinadora, Prof^a. Dr^a. Rosangela Patriota Ramos e Prof. Ms. Aguinaldo Rodrigues Gomes por terem aceitado o convite. Agradeço ao Prof. Dr. Alcides Freire Ramos pela orientação sempre cuidadosa, pelo empréstimo de material e por ter aceitado orientar este trabalho.

Agradeço a João Silvério Trevisan pela gentileza quando concedeu-me entrevistas e materiais.

Agradeço a Mami, Vera, por me amar incondicionalmente e me apoiar da maneira como faz. Ao meu pai, agradeço o orgulho e a confiança. Ao meu irmão Cássio, agradeço a presença, o bom humor, a partilha.

Aos de lá: William, D. Maria, Kesley, Nádia, Juliano, Letícia, Thaís, Maria José, Rosa, Ângela, Prô, Tiba, D. Maria Help, agradeço pela amizade, por partilharem momentos agradabilíssimos comigo, por tantos porres, por tantos sermões. Obrigado pela convivência. Agradeço de forma especial a meus compadres Lena e Carlos, por terem permitido que partilhasse de seu convívio e da vida de minha afilhada, Karla. Agradeço a Khelma e Kheila, pela amizade duradoura, principalmente a Khelma, por me ouvir tantas vezes, suportando meus lamúrios e pelos livros compartilhados. Adriana, quantos porres, amor e *lama*. Valeu. E como não agradecer ao meu padrinho e amigo Edwilson? Quantas noites juntos, quanta dor, quanta alegria. Juntos. Obrigado.

Devo um agradecimento especial a três grandes figuras: Marcos R., César e Nicarlos. São três pessoas que não sei se posso chamar apenas de amigos. São três grandes irmãos. Obrigado pelo amor e pelo carinho. Agradeço ainda ao Seu Zé, grande pai, e à Karla, grande filha, *in memoriam*.

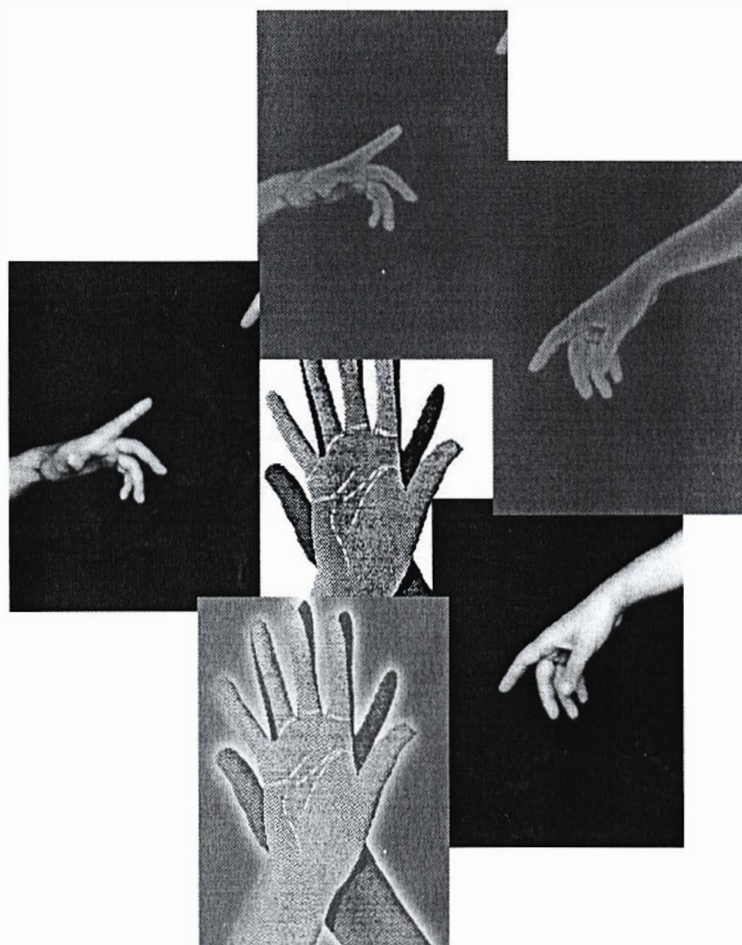
Aos de cá, devo agradecer aos amigos do NEHAC, onde, além de desenvolver este trabalho, desenvolvi amizade por aqueles que lá também trabalham: Sandra e Jacques (gente do bem), Maria Abadia, Cláudia, Daniela, Aguinaldo, Marcos M., Juscelino, Rodrigo, Manuela, Luciano, Meiriely. É prazeroso trabalhar com estas pessoas.

Ao André, obrigado pelos filmes, pelas Antárticas, pela nicotina, pela acolhida, pela amizade, pelas leituras. A Eliene pelas farras e pela transparência (e pelos namorados bonitos que ela escolhe). A Juliana pelo carinho e pelos velórios animadíssimos. A Sandra Fiúza, agradeço, pela beleza das palavras, pela realidade da convivência, pela "lama", pelos "pintos" do Andy Warol e pelo Guilherme. Ao caríssimo Sr. Eduardo Moraes Warpechowski, por ser uma reserva intelectual, por ser tão doce, por ser quem é.

Agradeço a Rosangela e Alcides, por serem, muito mais que professores e orientadores, amigos. Obrigado pelas jornadas, pela confiança, pela convivência. Obrigado por tudo mais...

E, finalmente, agradeço a três outras figuras igualmente especiais, três pessoas maravilhosas, que têm me ensinado o amor e o cotidiano, a quem devo grande parte deste trabalho (e da minha vida): Thaís, Criss e Ludmila. Obrigado, com amor.

Em todos estes agradecimentos aquilo que mais aparece, creio, seja a maravilha de conviver com estas pessoas, partilhar com elas. A todas, obrigado pelos cotidianos.



“Estendi as mãos e, quando olhei em volta, havia mais doze pares de mãos estendidas ao lado das minhas. Os doze pares de mãos estavam cheios de feridas úmidas e violáceas. Todos viram ao mesmo tempo, mas ninguém gritou.”

Caio Fernando Abreu
(Holocausto)

Introdução

Nas eleições de 1989, o nome do jornalista e escritor Fernando Gabeira, fundador do Partido Verde, foi cogitado para o cargo de vice-presidente, numa frente que contava com o Partido dos Trabalhadores - que lançaria Luís Inácio Lula da Silva candidato a presidente da República -, o Partido Socialista Brasileiro e o Partido Comunista Brasileiro. Gabeira não foi o candidato a vice-presidente e Lula não venceu as eleições, tendo sido eleito Fernando Collor de Melo. Jair Menegheli, então presidente da Central Única de Trabalhadores (CUT), quando perguntado porque Gabeira teve sua candidatura a vice de Lula rejeitada, respondeu que isto se deu por ser muito difícil vender em porta de fábrica a imagem de um ex-guerrilheiro gay. Ainda, ante à possibilidade da candidatura de Gabeira, o PSB e o PCB ameaçaram deixar a Frente Brasil Popular¹.

A esquerda brasileira da década de 80 tem suas bases mais imediatas na luta pela redemocratização e nas reivindicações de cunho socialista dos anos 60 e 70, período marcado pela ditadura militar brasileira inaugurada em 1964. É por esta razão que a narrativa de fatos como a rejeição de Gabeira nas eleições se nos apresentam como importantes para compor esta introdução, na tentativa de elucidarmos a conduta desta esquerda, calcada nos movimentos das duas décadas anteriores.

Surgem-nos, pois, alguns questionamentos, como: se a esquerda procurou, no século XX e procura ainda, no princípio do século XXI, abarcar para si o tema da transformação da sociedade, já idealizado e posto em prática em outros locais do globo, de orientação socialista, que fatores podem ter levado a que ela visse contrariamente as

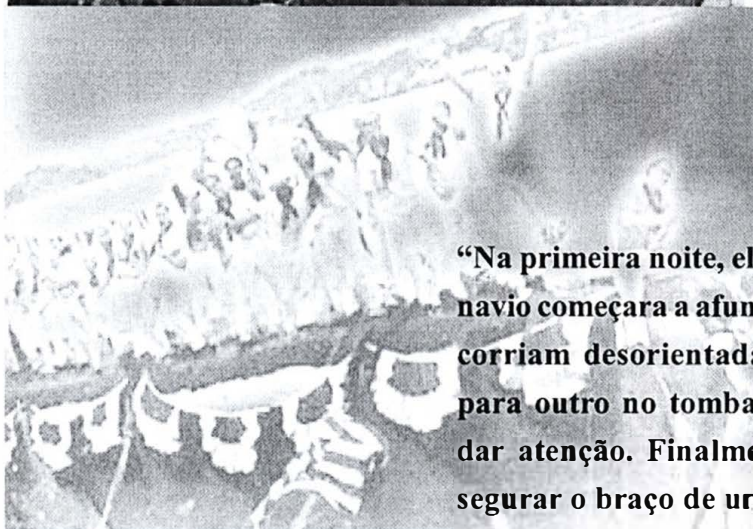
¹ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso* - a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3ª ed. São Paulo: Record, 2000, p. 160.

discussões referentes aos direitos dos homoeróticos, ou ainda, que ela excluísse os homoeróticos de suas práticas políticas?

Uma possibilidade deste trabalho é tentar perceber porque o tema do homoerotismo não pôde ser pensado pela esquerda brasileira nos anos sessenta e setenta, tendo esta, pelo contrário, rejeitado as figuras homoeróticas em detrimento de um tipo especial de militante, viril, mesmo que, em determinados momentos, como na segunda metade da década de 70, ela tenha açambarcado para perto de si o nascente movimento de liberação gay brasileiro, engrossando fileiras nas lutas pela redemocratização do país. É a partir desta tensão que este trabalho está estruturado.

O capítulo primeiro é constituído por uma trajetória da esquerda nos anos sessenta e setenta, em especial aqueles grupos que optaram pela luta armada a partir do ano de 1968, por terem sido estes grupos que, mais explicitamente, adotaram o modelo viril de militante em suas ações. No segundo capítulo, tentamos vislumbrar, na tradição desta esquerda, possíveis leituras que rejeitassem o homoerotismo, indícios que nos permitissem entender as razões, no campo ideário socialista, que tenham levado à adoção do modelo ideal de militante, viril e excludente. No terceiro capítulo tomamos duas obras literárias, *O Crepúsculo do Macho*, de Fernando Gabeira (1980), e *O testamento de Jônatas deixado a David*, de João Silvério Trevisan (1976), como obras que indicam a ruptura com este modelo de militante e que promovem a crítica, não apenas a este, mas ainda à opção da esquerda por rejeitar os homoeróticos ou ainda a tentativa de adequá-los, homogeneizando seus desejos.

capítulo I



“Na primeira noite, ele sonhou que o navio começara a afundar. As pessoas corriam desorientadas de um lado para outro no tombadilho, sem lhe dar atenção. Finalmente conseguiu segurar o braço de um marinheiro e disse que não sabia nadar. O marinheiro olhou bem para ele antes de responder, sacudindo os ombros: ‘Ou você aprende ou morre’. Acordou quando a água chegava a seus tornozelos.”

Caio Fernando Abreu
(Mergulho II)

A esquerda brasileira

Fazer referência à homofobia da esquerda (e cabe ressaltar que tratar deste tema não indica que esta seja uma postura apenas da(s) esquerda(s) – entendendo-as como um conjunto não uno –, mas também de outros segmentos da política institucionalizada¹) leva à necessidade de aludir à tradição desta. As experiências socialistas – o ideário socialista é o grande influenciador e gerenciador da esquerda dos anos sessenta e setenta – devem, portanto, ser levadas em consideração, bem como analisarmos as atividades deste segmento a partir de um importante marco histórico, qual seja, o golpe militar de 1º de Abril de 1964, que definiu mudanças no perfil do militante.

O período democrático vivido no Brasil entre a Era Vargas e a recente Ditadura Militar foi curto, de 1946 a 1964. Sete meses após a vitória de Jânio Quadros (Partido Democrata Cristão) nas urnas em 1960, sua renúncia levou à presidência o vice João Goulart (Partido Trabalhista Brasileiro). Jango não estava no Brasil naquele momento (visitava a China comunista), situação que em muito lhe prejudicou politicamente: sua ascensão à presidência foi ameaçada. Uma frente legalista liderada por seu cunhado Leonel Brizola foi acionada e, em 02 de setembro de 1961, o Congresso votou uma emenda constitucional pela qual foi instituído o sistema parlamentarista no Brasil.

¹ A este respeito é relevante citar as entrevistas, realizadas por Roberto Brun, Luis Carlos B. Resende e Ricardo Rabelo ao jornalista conservador da década de 70, Lenildo Tabosa Pessoa e ao Padre Alfonso Cattanco, da Tradição, Família e Propriedade (TFP) mineira, realizada em fins dos anos setenta e publicada na coleção *Cadernos do Presente* nº 3, intitulada SEXO e PODER (São Paulo: Brasiliense, 1979). Destas entrevistas, acerca do tema da homossexualidade, cabe citar, primeiramente, a fala de Pe. Cattanco e depois de Tabosa Pessoa, como seguem: "*O homossexualismo é uma doença. Porque é uma situação, digamos, inatural do indivíduo. De forma que sendo uma doença, precisa ser tratada como tal. A respeito da moralidade, o indivíduo que age por doença não é responsável. De forma que nós não atribuímos, digamos, o pecado, quando a doença tira do indivíduo a liberdade, tira o conhecimento, como acontece nestes indivíduos.*"; "*Acho que a discussão é uma consequência dessa onda geral de amoralidade que domina a sociedade. Agora, evidentemente que sou inteiramente contrário ao homossexualismo. Acho que não há nenhuma justificação. Acho que se deve examinar, naturalmente, caso por caso. Se é, por exemplo, uma questão de insuficiência da personalidade, uma questão de doença, então, é evidente que essa pessoa tem que ser tratada. Mas justificação não vejo nenhuma.*".

Destarte, com poderes diminuídos, João Goulart chegou ao poder em 07 de setembro, pretendendo utilizar-se de uma política de Reformas de Base altamente populista, caráter certamente adquirido por sua filiação getulista. Esta política tornou-se mais visível a partir de janeiro de 1963, quando o país retornou ao regime presidencialista, decisão tomada mediante plebiscito. A principal proposta econômica de João Goulart era a reforma agrária, porém, modificada dos moldes até ali vigentes, já que a área desapropriada deveria ser paga imediatamente e em pecúnia; segundo suas reformas, o pagamento seria efetuado mediante emissão de títulos públicos reajustáveis. Neste momento, Jango feria o direito de propriedade. As propostas foram veiculadas num grande comício (cerca de 200.000 pessoas presentes) realizado na estação da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, em 13 de março de 1964. As forças políticas conservadoras, articuladas pelas Forças Armadas conspiravam pela deposição de Jango, considerado perigoso por seus contatos comunistas e pela proposta de reforma agrária. No dia 1º de abril do mesmo ano os militares anunciaram o golpe, com o levante mineiro e sugerido apoio norte-americano. Foram tentadas algumas articulações para que Jango continuasse no poder, porém, desta feita, a frente legalista não conseguiu seu intuito. A ditadura militar instaurada a partir do golpe de Estado de 1º de Abril de 1964 trouxe então uma profunda alteração no campo político, fator evidenciado mesmo pela implantação do bipartidarismo (Arena – Aliança Renovadora Nacional – e MDB – Movimento Democrático Brasileiro), ocorrida logo no início do regime, levando para a ilegalidade os demais partidos existentes.

Quando João Goulart assumiu a Presidência, após a renúncia de Jânio, uma coisa parecia certa: a crise política aberta com a renúncia não estava encerrada com a posse de seu então vice-presidente. As restrições ao nome de Jango nos meios militares conservadores eram grandes, fomentadas invariavelmente por grupos civis que não aceitavam a ascensão do principal político do ex-presidente Getúlio Vargas. Não seria,

pois, exagero afirmar que, desde a investidura do novo presidente no cargo, havia se iniciado um processo golpista. Em consequência, de agosto de 1961 a abril de 1964, o país viveu um período de permanente sobressalto. E ainda, ao considerarmos essa conjuntura adversa ao populismo e às perspectivas reformistas avançadas, o episódio de 1º de abril de 1964 não se situa nos marcos de uma simples quartelada. Trata-se de um golpe de Estado urdido no âmago das classes dominantes, cujas contradições se reproduziram no decurso de uma década e que conseguiu congregiar parcelas influentes da sociedade, tais como os militares, Igreja, as classes médias, grandes proprietários rurais e amplos setores do empresariado. Esses contingentes empunharam bandeiras cujo significado era vago quanto aos propósitos que pretendiam, mas que traduziam uma clara oposição às reformas de base, conforme afirma Penna².

O golpe militar não poderia ter sido mantido apenas por imposição dos golpistas no poder, necessitando também do apoio das massas ou ao menos criando um clima propício para sua manutenção. Destarte, o regime contou com apoio de parcelas da sociedade ligadas à direita e algumas alas da Igreja Católica, denotada a partir da realização de eventos como a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, e pela utilização dos meios de comunicação de massa. As alterações e movimentações não restringiram-se ao bipartidarismo ou nas ações da direita, mas se pronunciaram também nas formas de oposição, várias e algumas radicais, como os grupos guerrilheiros.

Estes grupos guerrilheiros surgidos a partir de 1967, sofreram críticas do Partido Comunista Brasileiro, que condenou publicamente a luta armada, reafirmando sua proposta de amplas alianças com setores da burguesia brasileira, reiterando seu programa democrático burguês e sua estratégia de transição gradual ao socialismo. Sua linha estratégica no início dos anos 60, levou a rachas dentro do partido.

² PENNA, Lincoln de Abreu. *República Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 248-265.

Da realização de seu 6º Congresso em 1967, nasceram inúmeras dissidências discordantes de suas diretrizes voltadas para a resistência democrática. Aproximadamente dez mil integrantes seguiram Carlos Marighella e constituíram a Aliança Libertadora Nacional (ALN). Os que seguiram Mário Alves e Apolônio de Carvalho, cerca de cinco mil, formaram o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) e outros estimados cinco mil se atomizaram nas outras tantas dissidências citadas por Jacob Gorender³, como Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), Corrente de Minas Gerais, Dissidência de Brasília, Dissidência Leninista do Rio Grande do Sul, a Ação Popular (AP), Comando de Libertação Nacional (COLINA), Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN), Frente de Libertação Nacional (FLN), Movimento de Ação Revolucionária (MAR), VAR-Palmares (Vanguarda Armada Revolucionária – Palmares), Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), Resistência Armada Nacional (RAN), Política Operária (POLOP), Partido Comunista Revolucionário (PCR), Movimento de Liberdade Popular (MOLIPO), dentre outras e que optaram pela guerra de guerrilhas contra o governo ditatorial. As atividades dos diversos grupos armados baseou-se largamente na leitura do movimento revolucionário cubano.

“A guerrilha [cubana] surgiu como uma solução militar madura para uma ‘revolução dentro da ordem’ falhada e impossível. Ao ser acionada, ela por sua vez acionou o golpe de misericórdia que acabou com um regime econômico, social e político arruinado e condenado. Ela não só ‘iluminou o sinal’ dos tempos novos. A guerrilha transferiu a guerra civil latente para o plano da história vivida dia a dia e da ação direta. Em consequência, ao brotar e garantir seu próprio espaço histórico, ela mudou a qualidade da

³ GORENDER, Jacob. . *Combate nas trevas - A Esquerda Brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 3ª ed., São Paulo: Ática, 1987, p. 253-255.

*situação revolucionária preexistente, que a engendrou. Uma revolução dentro da ordem desacreditada, soturna e frouxa, em impasse crônico, converteu-se no seu contrário, uma revolução contra a ordem cheia de fé, alegre e exuberante, que buscou e descobriu seu caminho na fusão entre o povo, nação e estado em Cuba. Antes de libertar a nação, ela liberou um espaço histórico para eclosão política das classes trabalhadoras e da população pobre e, com isso, soltou a guerra civil, colocou-a a seu lado, serviu-a como o seu exército, protegeu-a contra a traição e a sabotagem, levou-a até o fim e até o fundo, amarrando-a definitivamente à impulsão revolucionária dos proletários e dos humildes.”*⁴

A principal teoria estratégica dos grupos guerrilheiros foi o foquismo⁵, largamente difundida no Brasil pelos escritos de Guevara⁶ e Régis Debray⁷. As atividades destes grupos consistiam na formação de guerrilhas rurais – que no mais das vezes apenas conseguiram caracterizar-se como conflitos locais e/ou regionais, mesmo os casos mais vultuosos, como a guerrilha do Araguaia –, e nas guerrilhas urbanas que, num primeiro momento, deveriam promover ações para garantir a manutenção das ações no campo, mas que, no seu desenvolvimento, acabou servindo para a própria manutenção das ações e de seus membros, em razão do alto custo de se manter quadros na ilegalidade.

⁴ FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha ao Socialismo: A Revolução Cubana*. São Paulo: TAQ, 1979, p. 70.

⁵ O *locus* privilegiado da revolução era o campo, onde o inimigo se veria obrigado a dispersar as forças enquanto os revolucionários receberiam o apoio dos camponeses para a guerra de guerrilhas. O ponto de partida da teoria do foco revolucionário consistia não apenas na afirmação da existência de condições objetivas amadurecidas para triunfo revolucionário, mas também na vontade de fazer a revolução por parte das forças sociais por ela beneficiadas. Outra novidade trazida pelo foquismo, foi a idéia da primazia do fator militar sobre o fator político, ou seja, uma prioridade do foco guerrilheiro sobre o partido.

⁶ GUEVARA, Ernesto. *A guerra de guerrilhas*. São Paulo: Populares, 1980.

_____. *Sierra Maestra: da guerrilha ao poder*. São Paulo: Populares, 1980.

⁷ DEBRAY, Régis. *Revolução na Revolução*. São Paulo: CELAM, 1976.

Foram então realizados inúmeros assaltos, interceptação e roubo de cargas de armas e seqüestros, estes últimos, visando conseguir diálogos políticos, troca de presos, espaço na imprensa escrita, falada e/ou televisiva, etc. O primeiro deles foi o do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, em 1969, realizado pela Dissidência da Guanabara e Aliança Libertadora Nacional, tendo, entretanto, assinado a ação como outro grupo já inexistente naquela data, o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8). Em 1970 foram realizados três outros seqüestros: em março o do cônsul japonês, realizado pela Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e dois outros grupos menores; em junho o do embaixador da Alemanha Ocidental, realizado pela VPR e ALN, conseguindo trocar o diplomata por quarenta presos políticos; em dezembro o terceiro, quando a VPR capturou o embaixador suíço, conseguindo trocá-lo por setenta prisioneiros após quarenta dias de negociações, tendo sido o último seqüestro executado. Estas eram ações radicais que, dentro dos grupos, nasciam de embates ideológicos, frutos dos próprios estudos teóricos e estratégicos desenvolvidos⁸. As condições das guerrilhas quando da Revolução Cubana eram, no entanto, drasticamente diversas às encontradas pelos guerrilheiros brasileiros, o que em muito corroborou para o insucesso de tal empreendimento, além do próprio aparato repressor.

A partir de 1968 e até 1974, o Estado transformou o período naquilo que se convencionou chamar “anos de chumbo”, empreendendo uma ação que dizimou a maioria dos guerrilheiros e passou a aplicar a pena de banimento aos dissidentes. No final do ano de 1968 mais um Ato Institucional entrou em vigor, o AI-5, que decretou o fechamento do Congresso, a suspensão dos direitos constitucionais e a cassação de inúmeros mandatos, período em que a tortura e a prisão das vozes dissidentes tornaram-se práticas comuns. As

⁸ PATRIOTA, Rosangela & RAMOS, Alcides Freire. Vera Silvia Magalhães: estrangeira em seu próprio país. In: *Revista Cultura Vozes*, vol. 92 nº 01, Petrópolis: Vozes, 1998, p. 104-105.

ações do Estado foram arrasadoras e, dentre os indivíduos mortos, estavam os que o foram em combate e outros que morreram nas prisões do governo, durante ou em decorrência das sessões de tortura. Isto não ocorreu apenas com os grupos guerrilheiros urbanos, mas também com as pequenas bases que foram esboçadas nas regiões agrícolas. A Guerrilha do Araguaia (sul do Pará), foi a que mais tempo durou, de 1967 a 1972, com um grupo de militantes treinados na China. Jovens de diferentes formações – operários, camponeses, enfermeiras, médicos e principalmente estudantes universitários –, compuseram uma luta que culminou com a morte de quase todos os guerrilheiros.

Nessas circunstâncias, as origens sociais dos militantes que optaram pela luta armada eram as camadas médias, a pequena burguesia e o movimento estudantil, sendo que muitos se afastaram por não se adaptarem ao esquema de uma organização militarizada:

“[...]Todo mundo, menos alguns dirigentes, teriam que ser transformados em operário ou camponês. São as duas classes que existem no Brasil. A pequena burguesia passa pelo purgatório, muitos caem no inferno e muitos são aí destruídos. É a teoria mais curiosa da formação do partido ou do proletariado: você pega um movimento pequeno burguês, põe numa máquina de tortura ideológica, e passa essa pequena burguesia por uma tortura tão violenta que ela dá um salto de qualidade. Ela passa a ser operária. Uma vez operária, está formado um fantástico partido. Porque tem uma super - qualificada parte do operariado que nasceu de um milagre. Pois é milagroso, em termos de classe! Quanta gente morreu nesse negócio, ou foi psicologicamente, ideologicamente, humanamente destruída...”⁹

⁹ SOUZA, Herbert José de. Entrevistas. In: CAVALCANTI, Pedro Celso de Uchôa & RAMOS, Jovelino. *Memórias do Exílio*. São Paulo: Livramento, 1976, p. 87.

No que diz respeito ao esquema de recrutamento, existiam critérios para verificar se era possível ou não admitir a entrada de determinado militante no quadro de ação da organização, como relembra a ex-guerrilheira Vera Sílvia Magalhães¹⁰, participante do seqüestro do embaixador americano:

*“Fazíamos testes para verificar o quadro em ação. Por exemplo: roubar uma placa de automóvel, ou então fazer um discurso na porta da fábrica no início do horário de trabalho. Isso servia para verificar se o indivíduo estava preparado.”*¹¹

Estes indivíduos faziam parte de uma corrente de opinião veiculada em vários segmentos da esquerda, que trabalhou a perspectiva de criar uma vanguarda revolucionária que rompesse com o que interpretavam como imobilismo do PCB e opusesse uma resistência armada à força bruta do governo.

*“Há uma ditadura militar e a massa é contra essa ditadura militar. A única forma de provar que isso é uma ditadura militar é promover o aparecimento da luta armada, chamar a ditadura militar para tirar suas armas, para se revelar como tal. Ao fazer isso, a massa vai se somar com os que lutam contra a ditadura militar com armas, vai se generalizar uma rebelião nacional, e ela cairá.”*¹²

Seguindo linha diversa à do PCB, o PC do B fez crítica à linha pacífica e teve como estratégia básica a luta armada. Privilegiava a área rural como seu mais

¹⁰ Vera Sílvia Magalhães, economista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, integrante da Dissidência da Guanabara (que apareceria na imprensa assinando Movimento Revolucionário 8 de Outubro por motivos políticos) desde os 16 anos, quando estudava no Colégio Andrews, participante do seqüestro do embaixador norte americano Charles Burke Elbrick, em 1969, trocada juntamente com outros presos políticos quando do seqüestro de outro embaixador, desta vez suíço, companheira de outro militante, Fernando Gabeira.

¹¹ PATRIOTA, Rosângela & RAMOS, Alcides Freire. Op. Cit. p. 105.

¹² SOUZA, Herbert José de. Op. Cit., p.80.

importante palco de luta, propondo “o cerco das cidades pelo campo”, sob a influência do maoísmo. Foi também grande crítico do foquismo, numa proposta de luta sustentada desde o início por amplas massas populares. Também começou um movimento de aproximação com a Ação Popular, incorporando-a em seus quadros. Após o Golpe de 64, o PC do B ampliou sua área de influência, estruturando algumas bases operárias e implantando-se no meio estudantil.

As organizações armadas apresentavam divergências entre si, sobretudo acerca do caráter da revolução brasileira e em relação às formas de luta mais adequadas para se chegar ao poder (via guerrilha nos moldes cubanos ou a perspectiva revolucionária de inspiração maoísta).

Ao analisarmos os movimentos de contestação no período pós-64, não podemos perder de vista o fato de que a esquerda armada não buscava apenas lutar contra a repressão exercida pela ditadura mas, principalmente para a instauração da revolução em moldes socialistas no território nacional.

A experiência cubana salientava a impossibilidade do êxito da luta revolucionária nas cidades, onde o inimigo concentrava o poder.

Guerrilhas fervilhavam na América Latina e, no Brasil foram implantados focos revolucionários no campo para depois ganhar as massas camponesas. O mito de que a Revolução Cubana chegou à vitória pelo poder mágico de 12 ou 17 sobreviventes da luta na Sierra Maestra a partir do nada, de um punhado de homens, comandado por Fidel Castro, influenciou os grupos armados, porém, mesmo no período, foi fortemente questionado. A desigualdade regional no país, o fracasso de Caparaó, a derrota de Guevara na Bolívia, fizeram com que Mariguela se declarasse contra os focos guerrilheiros. A este

respeito a ex-guerrilheira Vera Sílvia Magalhães quando de sua permanência no exílio evidenciou:

*“Quando nós chegamos [à Cuba], tivemos acesso a algumas leituras e, com base nelas, percebemos que não foi quando Camilo Cenfuegos, Guevara e Fidel chegam da Sierra Maestra que se deu a Revolução. Existia o movimento '26 de Julho'. Embora não contasse com a simpatia do PC, era um enorme movimento de massas, que alimentou e impulsionou a guerrilha. Muitas vezes, as pessoas se esquecem de algo fundamental: os guerrilheiros precisam comer! Se eles não têm o apoio das massas da cidade, eles não podem vencer. Nós dizíamos isso para os cubanos, mas eles negavam.”*¹³

Outro fator a ser evidenciado é que os modelos revolucionários utilizados, bolchevique e cubano, traziam em si um modelo de militante bastante definido. Pela própria atividade proposta (a guerrilha), o modelo militante era de caserna, militarizado, masculinizado.

A absorção deste novo perfil de militante trouxe algumas restrições quanto ao ingresso de novos integrantes. Cabe ressaltar que no período anterior ao golpe militar de março de 1964, o perfil do militante era o de estudante, intelectual ou profissional liberal com presença de um grande número de jornalistas. Após o golpe, este perfil foi modificado para homens com formação/experiência militar. Figuras comumente tidas por fragilizadas, como mulheres, homossexuais e intelectuais, tiveram papel secundário ou absorveram o próprio modelo, alterando-se, adequando-se. Houve ainda aqueles que enfrentaram inúmeros percalços ou até foram retirados e/ou barrados das organizações. Deu-se a eleição de uma moralidade própria dentro da esquerda armada, afinal “o engajamento

¹³ PATRIOTA, Rosangela & RAMOS, Alcides Freire . Op. Cit., p. 109.

*político e o desejo de poder desempenham um papel muito importante na afirmação da virilidade dos militantes.”*¹⁴

Esta virilidade funcionava, talvez, como um espelho da virilidade de caserna encontrada no adversário, o regime. Se atentarmos para a formação militar, veremos claramente a homofobia, a rejeição daquele que não é - ou não se acredita ser - viril. Daí, nas instituições militares serem os homossexuais rejeitados, não aceitos, cabendo processos de exclusão no caso de descoberta da existência destes. O aparato repressor, além disto, desempenhou um importante papel viril, autoritário, massacrante, no que tange à eliminação dos indivíduos contrários ao regime.

Grande parte dos militantes de esquerda no Brasil teve que se exilar em outros países como forma de manutenção da própria vida. Dentre os países que receberam exilados brasileiros estão Chile, Cuba, Argentina, França, Suécia, Rússia, Uruguai, México, Argélia, entre outros.

O exílio foi importante para que os militantes percebessem que a URSS e Cuba não eram os paraísos que eles acreditavam, sendo possível neste período formularem as críticas às suas ações e posições tomadas no Brasil.

O período entre 1974 – 1984 é de redemocratização do país. A ditadura militar seria encerrada em 1985 com o governo de João Figueiredo, tendo havido um movimento de "transição" para o retorno aos governos civis e regime democrático. Este período é marcado por forte pressão pela anistia política aos exilados, obtida em 1979, e denúncias diversas quanto aos desaparecidos. O retorno dos exilados ao Brasil trouxe novas perspectivas à esquerda. Novas experiências haviam sido vividas. Segundo Lucileide

¹⁴ TREVISAN, João Silvério. Op. Cit., p. 85.

Costa Cardoso¹⁵, o período de 1979 a 1984 comporta o lançamento de uma grande quantidade de obras tidas como de cunho memorialístico. Dentre as obras citadas pela autora está a trilogia de Gabeira formada por *O Que é Isso, Companheiro?*, *O Crepúsculo do Macho* e *Entradas e Bandeiras*.

Autores como Fernando Gabeira, após o exílio puderam reelaborar um processo no qual o exercício de rememorar, proporcionou uma crítica ao próprio movimento do qual participaram. Não são relatos dos acontecimentos da guerrilha no Brasil, mas a percepção destes fatos no exílio e as críticas que foram possibilitadas neste período, bem como as críticas surgidas a partir do próprio encontro com um dos ícones – Cuba - onde alguns destes intelectuais participaram de treinamentos militares. As críticas elaboradas em muito puderam ser feitas a partir do contato com os movimentos políticos europeus, onde a democracia encontrava-se em um outro estágio, bastante voltado para a polarização do debate político e do campo das reivindicações, específicas ou mesmo individuais.

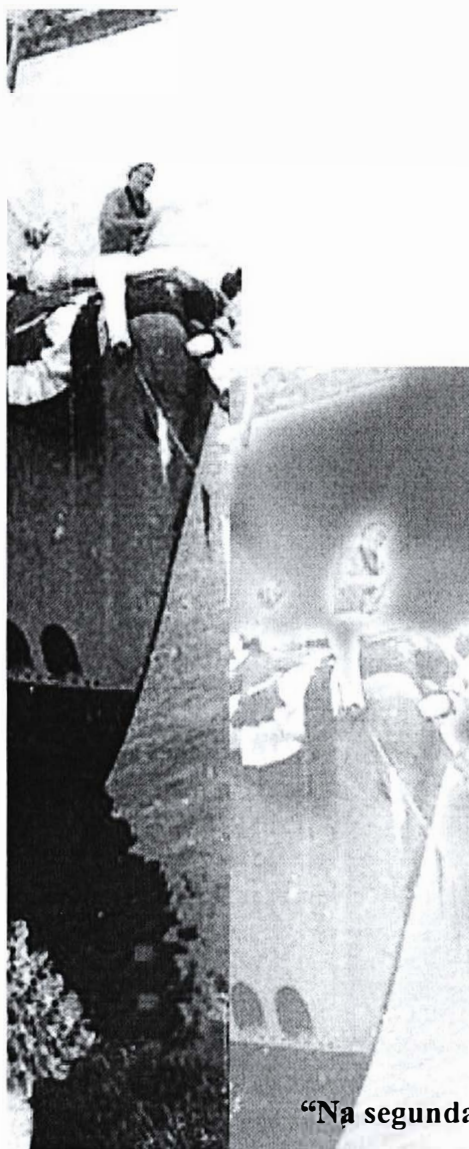
Procuramos, no elencar desta trajetória, primeiramente, evidenciar um possível perfil da esquerda brasileira durante a ditadura dos anos 60 e 70, abordando em especial a parcela da esquerda envolvida no conflito armado, ou seja: a que optou pela guerrilha para combater o regime opressor. Dessa maneira, foi evidenciada a inexistência de uma esquerda una e homogênea, composta, pelo contrário, por diversos grupos que, em muitos casos, guardavam poucas semelhanças e muitas divergências entre si.

A luta armada foi a alternativa encontrada por diversos militantes que vislumbraram uma falta de perspectiva de luta pelos canais legais.

¹⁵ CARDOSO, Lucileide Costa. Construindo a Memória do Regime de 64. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 14, nº 27; Anpuh/Marco Zero, São Paulo, 1994, p. 179 – 196.

Até 1974, esta perspectiva esteve no centro das preocupações do aparato repressivo. A partir deste ano, como as guerrilhas já estivessem praticamente aniquiladas, a esquerda que optou pela resistência democrática, passou a ocupar este lugar.

capítulo II



“Na segunda noite, ele sonhou que o navio continuava afundando. As pessoas corriam desorientadas de outro para um lado, e depois o braço e depois o olhar, o marinheiro repetindo que ou ele aprendia a nadar ou morria. Quando a água alcançava quase sua cintura, ele pensou que talvez pudesse aprender a nadar. Mas acordou antes de descobrir.”

Caio Fernando Abreu
(Mergulho II)

Possibilidades de percepção da homofobia da esquerda brasileira

O guerrilheiro Herbert Daniel, homossexual, na obra em que tenta compreender o período de guerrilha e seu exílio, afirma ter passado, em seus dez anos de atividades nos grupos armados, idênticos dez anos de abstinência sexual. As organizações guerrilheiras de esquerda de cunho militar, assim como as organizações militares de direita, ou seja, do regime, eram contrárias à homossexualidade (no período ainda denominada *homossexualismo*, o que lhe imputava o caráter de *doença*, e não comportamento, como o atual sufixo utilizado). O companheiro homossexual, dotando um vício considerado pequeno-burguês, deveria ser "amputado", desligado da organização, uma vez que demonstrava, por esta conduta, sua inabilidade para com a causa da revolução socialista¹. James Naylor Green, historiador norte-americano e estudioso da sociabilidade Gay no Brasil do século XX, escreveu:

"Muitos militantes ou simpatizantes da esquerda sofriam ostracismo social quando assumiam seus desejos sexuais aos colegas de partido. Por exemplo, as experiências de Aguinaldo Silva, editor do Lampião, com o PC e outros setores da esquerda nos anos 60 levou-o a criticar a ligação entre o movimento incipiente [homossexual] e as organizações esquerdistas. Herbert Daniel, que aderiu a um grupo guerrilheiro nessa mesma década, descobriu que a homofobia dentro da organização era intolerável. Fernando Gabeira, embora ele próprio não fosse identificado como gay, criticava a posição antifeminista e antigay das diversas organizações de

¹ Cf. DANIEL, HERBERT. *Passagem para o próximo sonho* – um possível romance autocrítico. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

*esquerda com as quais tivera contato quando viveu numa comunidade de exilados na Europa, após o famoso seqüestro do embaixador Elbrick, em 1969."*²

Esta atitude demonstra um forte grau de impositividade, intransigência, por parte dos grupos revolucionários. A atitude pode ser vista, hoje, como antidemocrática. A economista Vera Sílvia Magalhães, também militante do MR-8, na já citada entrevista concedida aos historiadores Rosangela Patriota e Alcides Freire Ramos, afirma o caráter ditatorial dos grupos armados:

*"A nossa concepção de mundo era autoritária. Não queríamos a democracia. Lutávamos pela ditadura do proletariado. Ninguém queria democracia, isso era falso dizer. (...) Penso que qualquer um da esquerda daquela época era autoritário."*³

Este mesmo caráter foi criticado por homossexuais na década de 70⁴. Porém, uma parcela dos militantes armados do período, vindos, como outros, das classes médias da sociedade, possuíam uma postura um pouco mais "libertária". Vejamos se a postura "libertária" conseguiu diminuir a homofobia dos grupos.

Quando de sua estada em Cuba, Gabeira comenta seu retorno à leituras deixadas quando da atividade armada:

² GREEN, James Naylor. *Além do Carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000, p. 428.

³ PATRIOTA, Rosangela & RAMOS, Alcides Freire, p. 111.

⁴ AGUIAR, Flávio. Homossexualidade e repressão. In: *Cadernos do Presente - Sexo & Poder*. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 137-146.

*"Na sua ampla casa, onde vivia com Robert e os filhos de três casamentos, pude ler pelo menos os dois primeiros volumes do Capital, retomei meus contatos com as leituras de Reich..."*⁵

A citação de Reich é importante para a nossa análise, uma vez que, ao nos atentarmos à essa fonte documental, esta leitura que estes indivíduos tiveram acesso, podemos encontrar pistas do tratamento dispensado aos homossexuais.

Em seu primeiro capítulo da edição portuguesa de *O combate sexual da juventude*, obra de 1932, permeada pela visão de Reich da ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, o médico, didaticamente, elenca a constituição dos órgãos sexuais masculinos e explicita suas funções. Quanto à natureza do pênis, é esta a descrição:

*"O pênis tanto serve para micção como para a união sexual com a mulher. A sua grandeza varia consoantes os homens; o seu comprimento em ereção oscila em média entre 12 e 16 cm. O seu comprimento quando flácido não faz prever o seu comprimento quando erecto"*⁶

A constituição do órgão sexual masculino, no caso específico, o pênis, é acrescida de suas funções: micção e união sexual **com a mulher**. Percebemos então a impossibilidade, no relato de Reich, importante teórico da sexualidade no campo marxista⁷, da união entre duas pessoas do mesmo sexo. Seu relato sobre o órgão sexual feminino segue o mesmo fio condutor:

*"A vagina serve para a união sexual com o homem e recolhe o líquido espermático masculino."*⁸

⁵ GABEIRA, Fernando. *O Crepúsculo do Macho*. 22ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 58.

⁶ REICH, Wilhelm. *O combate sexual da juventude*. 2ª ed. Lisboa: Antídoto, 1978., p. 42-43.

⁷ Cabe ressaltar que nos anos seguintes Reich tornou-se um crítico das ações do governo stalinista e foi expulso do PCUS.

⁸ REICH, Wilhelm, Op. Cit., p. 44.

Novamente, temos a imposição, a adequação sexual. A homossexualidade é, a partir deste relato, imprópria, já que, numa relação entre dois homens, o pênis não será introduzido na vagina, pelo motivo óbvio. Da mesma forma, numa relação entre duas mulheres, a vagina de nenhuma delas receberá o “líquido espermático”. Esta reflexão nos leva àquilo que Reich teoriza no tocante à homossexualidade.

Em princípio, cabe dizer que é proposta uma aproximação entre os homossexuais (masculinos) e as mulheres:

*“Se tais características [próprias da mulher] se apresentam na expressão, no andar, na linguagem de certos indivíduos, pode estabelecer-se por minucioso exame do seu desenvolvimento que não foram sempre assim, mas que adoptaram essas atitudes segundo os particulares destinos de suas pulsões sexuais.”*⁹ (REICH: 1932, 107)

A explicação para adoção da homossexualidade, ou seja, o despertar do desejo perante um indivíduo do mesmo sexo e/ou ainda uma postura próxima à do sexo oposto quando da presença de um indivíduo do mesmo sexo, estão na formação defeituosa de sua sexualidade na infância.

“de.fei.tu.o.so: *adj. (defeito + oso) Que tem, ou em que há defeito; imperfeição. Antôn: perfeito. Var: defectuoso.*” (MICHAELIS: 2002)

E a este respeito, eis a citação:

“Estas pessoas não se tornaram homossexuais por causas corporais, mas devido a um desenvolvimento sexual defeituoso na sua primeira infância, a

⁹ Ibidem, p. 107.

qual comportou muito cedo grande experiência de decepção em relação ao outro sexo.”¹⁰ (grifo nosso)

São sérias as debilidades nas idéias de Reich. Seus escritos tendem a indicar soluções individuais para os problemas de sexualidade reprimida. Sua visão acerca da sexualidade é bastante mecânica. Para Reich o orgasmo é algo tangível, uma forma de energia como o calor ou luz. A libertação era vista como sendo liberação dessa energia.

A saúde de uma pessoa ou de uma sociedade poderia então ser julgada a partir da evolução de estágios da sexualidade. Para Reich o capitalismo limita o desenvolvimento sexual dos indivíduos pela imposição da família e pela repressão do prazer sexual. Mas nessa teoria a homossexualidade aparece como um dos estágios defeituosos, como citado. Lésbicas e gays poderiam ser vistos como pessoas presas em um estágio sexual inicial, na infância – sua "libertação" seria "progredir" para a heterossexualidade. A homossexualidade, destarte, pode ser vista como uma regressão. Além disto, para Reich, trata-se de uma “economia sexual”, em sendo o ato sexual o propulsor da liberação da energia sexual, afirma:

“Antes de tudo, é preciso salvaguardar os jovens de se virarem definitivamente para o homossexualismo, não por causas morais, mas de pura economia sexual, porque, com efeito, pode verificar-se que a satisfação sexual média no heterossexual são é mais intensa do que a satisfação no homossexual são, o que tem grande significado para a regularização da economia psíquica.”¹¹

¹⁰ Idem.

¹¹ Ibidem, p. 109.

No parágrafo seguinte do mesmo texto, Reich lembra que um homossexual, querendo libertar-se desta sexualidade que não lhe pode proporcionar a devida satisfação importante para regularização da economia sexual, pode submeter-se a um tratamento que lhe transformará num heterossexual são. Para deixar tranqüilos todos os seus leitores, o autor ressalta que, caso o mesmo tratamento seja levado a cabo com intuito contrário num heterossexual são, ele não terá efeito. Lembra ainda que, sendo o “homossexualismo” um fator social e educacional, o melhor meio de **impedi-lo** é coeducando os sexos no momento desejado, aparentemente, na primeira fase da infância.

Certamente o maior teórico da sexualidade no campo do marxismo, transmite em seus escritos, dos quais a parcela mais “libertária” da esquerda teve acesso, a possibilidade de reeducação dos homossexuais. O camarada que, sentindo desejo por um outro camarada do mesmo sexo, na impossibilidade de, neste ato, unir seu sexo (pênis) ao órgão sexual devidamente elaborado pela natureza para recebê-lo (a vagina), pode encontrar auxílio nas mãos de um bom terapeuta marxista. Ora, se esta é parte da tradição da esquerda, em especial da esquerda brasileira, a qual nos interessa para o caso em tela, temos um relevante indício de onde parte a homofobia esquerdista, mesmo que, é preciso que se considere, Reich não adote como solução a exclusão do indivíduo homossexual, sendo bastante pacífico que o necessário é um tratamento e não a repressão, porém, a leitura de tais idéias nos fazem remeter sim à repressão, já que a homossexualidade é considerada deletéria.

Podemos ainda tomar, no campo internacional, uma outra autora que nos possibilite entender esta relação. Desta vez, tentaremos perceber como, mesmo no trato do tema da exclusão/reabilitação da figura da mulher no campo socialista, o tema é tratado em iguais medidas às de Reich, ou seja, existe uma sexualidade “natural”, uma moralidade

normatizadora que, escolhendo uma forma “ideal” de sexualidade, exclui, imediatamente, outras variantes. A obra em questão é *A nova mulher e a moral sexual*, de Alexandra Kollontai¹². A questão posta por Kollontai é que, numa sociedade sob o regime socialista

*“A vontade individual submerge e desaparece no esforço coletivo de milhões de mulheres da classe operária, para se adaptar à novas condições de vida.”*¹³

A nova mulher descrita por Kollontai, é uma mulher modificada pela necessidade do trabalho fora do lar. Uma mulher que não está mais regida pelas vontades do marido e provedor. É um avanço espetacular no trato da questão feminina, óbvio. Porém, o que acompanhar é a leitura de uma mulher bastante brutalizada e cuja individualidade não existe mais. A mulher **deve**, a partir da revolução vencedora socialista, **adequar-se** a esta nova realidade, a do trabalho proletário, a esta massa da qual passa a fazer parte, mas de uma maneira bastante próxima da do homem. A mulher fica (pelo menos é isto que se nos apresenta), virilizada. Ao mesmo tempo, Kollontai apresenta uma forma de amor verdadeiro, bem como uma forma provisória de amor, o amor-jogo. O sentimento e a sexualidade ficam então, também restritos a uma dada forma. Existe, uma nova mulher e também uma moral sexual que deve ser adequada a esta nova mulher. É a mulher proletária, livre, que é, impositivamente, recomendada a viver uma nova moral. O que não parece adequado é a imposição, e em se tratando de uma obra panfletária, de uma única forma de amar, uma única forma de se relacionar sexualmente. O amor verdadeiro é explicitado como o amor entre um homem e uma mulher. Estas são as relações das quais trata Kollontai. Um homem e uma mulher. Numa forma restrita de relacionamento, à qual deve se adaptar a nova mulher. A diversidade sexual não se apresenta em momento algum.

¹² KOLLONTAI, Alexandra. *A nova mulher e a moral sexual*. 5ª ed. São Paulo: Global, 1978.

¹³ Ibidem, p. 17.

Esta forma impositiva parece ter se disseminado como orientação básica quando da possibilidade ou instauração do modelo revolucionário socialista. Impressiona a afirmação da bolchevique de que *“a paixão é algo deletério para homem, à qual ele não deve entregar-se”*. Além disto, a autora vê o sexo fora de seu amor-verdadeiro, livre, libertador, como algo brutal e meramente fisiológico, afirmação que exclui a prática sexual pelo simples desejo sexual, tão disseminado a partir dos anos 60.

Sobre a condição da mulher na sociedade de classe e a perspectiva socialista sobre o tema, é considerado um cânone o trabalho de Heleieth Saffioti, *A mulher na sociedade de classes*. Este trabalho pode nos fornecer outras pistas acerca da condição feminina e de uma normatização do desejo ou da sexualidade sob a perspectiva socialista.

Em sua análise das considerações de Marx sobre a constituição da família, da qual denota que o que o pensador ansiava por uma nova formação familiar e a não-submissão da mulher e dos filhos ao homem, provedor da casa e não pelo fim da família sem que nada viesse substituí-la, Saffioti conclui que *“Longe está Marx, portanto, de pregar a liberdade sexual anárquica”*. A diversidade sexual não está na ordem do dia das considerações marxistas. Uma nota em especial é deveras significativa para elucidação de nossa questão inicialmente proposta.

“A mulher considerada como presa e como objeto para a satisfação da concupiscência coletiva, exprime a degradação infinita do homem, que não existe para si, mas pelo mistério das relações do homem com seu semelhante encontra sua expressão inequívoca, decisiva, pública, aberta, na relação entre o homem e a mulher e no modo de conceber a relação genérica imediata e natural. A relação imediata, natural, necessária dos seres humanos é a relação do homem com a mulher. (...) Eis porque, com

*fundamento nesta relação, se pode aquilatar o grau geral de desenvolvimento do homem.”*¹⁴

Creio que seja bom frisar o trecho retirado dos *Manuscritos econômicos e Filosóficos* de Marx: “*A relação imediata, natural, necessária dos seres humanos é a relação do homem com a mulher*”. Aqui temos não uma pista, mas uma fala bastante clara, retirada dos escritos do grande teórico do socialismo, difundido largamente entre a esquerda, seja ela armada ou optante pelas outras formas de atuação política. A possibilidade natural de relação entre os homens se dá entre indivíduos do sexo oposto. Imediatamente, exclui-se, por contrariedade à natureza, por ser desnecessária, outras relações que não se enquadrem nesta forma. Se nos voltarmos para a Rússia pós-revolucionária e atentarmos ao que escreve Amilton de Almeyda¹⁵, ou seja, que os homossexuais eram assassinados pelo regime socialista soviético, podemos perceber que não se tratava de uma incongruência, mas de uma leitura bastante radical da prescrição naturalista de Marx, de uma moralidade socialista baseada na manutenção do sexo heterossexual, excludente da diversidade.

*"[Quanto à homossexualidade] Na Rússia é completamente ilegal, é condenada com até 8 anos de prisão se não há consentimento e com até 5 anos de internação. O lesbianismo não proscriuto. Recentemente, toda a ideologia de Pavlov foi mantida pelo Partido porque a 'juventude' estava quebrando seu 'comportamento normal'."*¹⁶

¹⁴ SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes – mito e realidade*. São Paulo: Quatro Artes, 1969, p. 92.

¹⁵ ALMEIDA, Amilton de. *My Funny Valentine ou A noite das longas facas Segunda parte*. Vitória: [s/n], 1985.

¹⁶ Ibidem, p. 44-45.

Alinhadamente aos escritos de Kollontai, onde o amor tem uma determinada ordem, bastante racional, temos um trecho de Lênin, filtrado pela obra de Saffiotti:

*“Os excessos na vida sexual são um signo de degenerescência burguesa. O proletariado é uma classe que ascende. (...) Saber dominar-se, disciplinar seus atos, não significa a escravidão. Isto é igualmente necessário em amor.”*¹⁷

A degenerescência indicada por Lênin no tocante à atividade sexual desordenada, ou ainda, não devidamente indicada nos preceitos socialistas, como pudemos ver é fator essencial para entendermos as posturas da esquerda. Analisando os escritos de Reich, Kollontai, Marx, Engels e Lênin (estes três últimos por meio da citada obra de Saffiotti), vimos como a tradição soviética influenciou e ainda hoje permeia a esquerda brasileira.

Atentarmos para a mitificação de Ernesto “Che” Guevara e a revolução cubana, vencedora em 1959 também auxilia nosso entendimento. Como já citado, a revolução cubana foi a inspiradora de vários grupos guerrilheiros na América Latina. A teoria do foco guerrilheiro trouxe para um plano mais elevado a ação, em detrimento das deliberações do partido. A vitória dos cubanos e a morte mitificada como heróica de “Che” Guevara fizeram com que a esquerda, adotasse esta estratégia de guerrilha, idealizando o militante como uma nova possibilidade de Guevara. Os guerrilheiros brasileiros militarizaram-se e virilizaram-se. O processo de masculinização da esquerda guerrilheira pode ser observado ao percebermos a primazia, a partir do golpe de 64, das posturas militares, necessárias para que se pudesse lutar com iguais armas contra o regime.

¹⁷ SAFFIOTTI, Heleieth Iara Bongiovani, Op. Cit., p. 94.

Quanto à influência do regime castrista, ao que parece, ocorreu também no que se refere à rejeição/exclusão dos homossexuais. A tolerância do regime castrista cubano para com estes indivíduos não foi (não é) grande. O escritor Reinaldo Arenas, em suas memórias intituladas *Antes que Anoiteça*¹⁸, esforça-se para deixar isto explícito. Arenas passou sua infância e princípio da adolescência sob a ditadura de Batista. Quando das guerrilhas, juntou-se aos revolucionários e formou-se posteriormente nas universidades do governo. Com o acirramento da caçada aos homossexuais promovida por Fidel Castro, Arenas foi preso, passando dois anos em prisões abomináveis ou fazendas onde os presos eram utilizados como mão de obra escrava. De suas vinte obras, apenas uma foi publicada em Cuba; todas as outras tiveram que ser remetidas ao exterior para serem publicadas. Arenas morreu em 1990, exilado nos Estados Unidos, em decorrência do vírus da AIDS. Toda sua vida, a partir da adolescência, foi marcada pela perseguição castrista aos homossexuais. Sobre sua prisão por sua conduta homossexual, narra:

“O fedor já impregnava nossos corpos, como parte de nós mesmos, pois o ato de tomar banho era uma coisa apenas teórica; de quinze em quinze dias, quando recebíamos visita, enchiam de água alguns tanques e tínhamos que entrar em fila, nus, e passar diante dos tanques, onde os ‘xerifes’ enchiam uma vasilha de água e jogavam sobre nós; continuávamos a andar, nos ensaboando até passarmos outra vez na frente dos tanques, onde jogavam outra vasilha para nos enxaguar. Este era o nosso banho. Era impossível alguém ficar limpo assim, mas o simples fato de tomar esse banho representava um enorme consolo. Os ‘xerifes’ ficavam na parte

¹⁸ ARENAS, Reinaldo. *Antes que Anoiteça*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

*superior do tanque com porretes, e se alguém tentasse passar duas vezes tomava porrada.”*¹⁹

*“Os homossexuais ocupavam as piores galerias de El Morro: as galerias subterrâneas que ficavam inundadas quando a maré subia; um lugar asfíxiante e sem banheiro. Os homossexuais não eram tratados como seres humanos e sim como animais.”*²⁰

O texto, autobiográfico e transportado para as telas no ano de 2000 intitulado *Antes do anoitecer (Before Night Falls)*, EUA, Dir.: Julian Schnabel, EUA, cor, 125 min.), é, em sua constituição e dada a escolha dos fatos narrados, um manifesto contra as práticas homofóbicas do regime socialista de Castro. Cumpre dizer que esta perseguição aos homoeróticos na ilha tem sido tema de outras reflexões ainda, como a de Senel Paz em seu conto *El lobo, el bosque y el hombre nuevo*²¹ e sua adaptação para o cinema intitulada *Morango e Chocolate (Fresa y Chocolate)*, Cuba/México/Espanha, Dir.: Tomás Gutierrez e Juan Carlo Tabio, 1994, cor., 111 min.). É importante tratar desta adaptação pela composição de suas personagens.

Neste filme são narrados os encontros de David com outras três personagens. A primeira delas é Diego, fotógrafo homossexual que tem acesso, por meio do mercado clandestino, a obras de escritores malditos pelo regime, como Lézama Lima, e outros produtos proibidos, como uísque norte-americano. David tem aspirações literárias, razão pela qual mantém uma relação razoavelmente amistosa com Diego, que lhe auxilia, sendo crítico de seus escritos e presenteando-lhe com importantes obras literárias, constituindo um repertório para o jovem escritor que, além de ser do Partido Comunista, é

¹⁹ Ibidem, p. 216-217.

²⁰ Ibidem, p. 213.

²¹ PAZ, Senel. *Es lobo, el bosque y el hombre nuevo*. México [s/n], 1991.

virgem e guarda um amor frustrado. Esta relação se dá, em princípio, pelo interesse sexual de Diego por David, que vai-se transformando e tornando-se um interesse afetivo-sexual.

A segunda importante personagem é Miguel, amigo de David e companheiro do Partido. Miguel representa a linha-dura do regime de Castro, intuindo utilizar-se da amizade de David por Diego para descobrir algo que possa levar o *maricón* para a cadeia, uma vez que, em sua concepção, trata-se de um traidor do regime, já que não é um *homem*. Esta relação vai-se tornando conflituosa, uma vez que, por aproximar-se de Diego e ter-lhe afeto, David deixa de procurar Miguel e passa a evitá-lo, o que lhe causa fúria.

Nanci, vizinha de Diego e chefe da vigilância do prédio onde moram, é uma mulher deveras instável emocionalmente e que tenta suicidar-se diversas vezes, em virtude de seus desencontros amorosos. Diego é seu amigo e ambos têm um sentido cooperativo nesta relação.

Há, entre estas personagens, relações conflituosas: Diego está apaixonado por David, que, com o passar dos encontros, passa a ter-lhe amizade. Miguel quer utilizar-se de tal para descobrir algo que possa levar Diego para a cadeia. Nanci é amiga de Diego, mas deseja David. Emílio Bejel, analisando esta obra em seu artigo intitulado *Fresa y Chocolate o la salida de la guarida*²², percebe que, num dado momento da narrativa, Diego desiste da concretização de seus desejos por David e pede a Nanci que o inicie sexualmente, o que ela faz. É importante ressaltar que o único episódio de carinho ocorrido entre David e Diego é na cena final, em que o fotógrafo despede-se do amigo, pois vai-se embora da ilha socialista, e este lhe abraça. É um abraço afetuoso, porém, sem qualquer

²² BEJEL, Emílio. *Fresa y Chocolate o la salida de la guarida*. In: *Casa de Las Américas*. Cuba: Casa de las Américas. Año XXXV, nº 196, Julio-Septiembre, 1994, p. 10-22.

indício de desejo. A *salidade de la guarida* não parece ser tão atrevida. A amizade de um heterossexual e um homossexual pode ser tolerada – ainda que não em lugares públicos, como pede David a Diego –, mas um *happy ending* que trouxesse um enlace homoerótico entre um fotógrafo e um membro do Partido Comunista de Fidel poderia não ser exibido na ilha:

“Otra problemática que queda suelta en la obra y que merece una reflexión y sin reparos es la que se refiere al tipo de relación entre Diego y David. Por un lado, es cierto que no es necesario sexualizar toda relación de esta índole, pero si se trata de una ‘alegoría nacional’ que está representando simbólicamente luchas ideológicas y políticas del subtexto histórico, la relación de amistad homosocial entre Diego e David no se atreve a dar un paso más radical, que sería el de hacer que estos dos personajes tuvieran de hecho una relación amorosa que no se quedara en un abrazo (abrazo de afecto y despedida, repito) sino que incluyera una relación sexual como sucede en El beso de la mujer araña, de Manuel Puig, por ejemplo.”²³

Isto significa, em nossa abordagem, que a *salida de la guarida*, não chega a constituir-se como uma realidade na sociedade sob o regime castrista, mas é ainda uma utopia de alguns poucos indivíduos que esperam que este regime ainda comporte nuances democráticas.

Além do tratamento cubano dado aos homossexuais e para posteriormente retornarmos a este ponto, cabe ater-nos ao artigo de João Quartim publicado no já citado *Cadernos do Presente – Sexo & Poder*, intitulado *O campo socialista e a revolução*

²³ Ibidem, p. 18.

*sexual*²⁴. Ao tratar da questão da sexualidade no campo socialista, Quartim elenca o que chama de “casos extremos”, quais sejam, o chinês e o iugoslavo. O texto é de 1979 e, por meio dele, podemos perceber, além das concepções ante a sexualidade destes casos, ainda um pouco do ideário sexual da esquerda brasileira de então. Segundo Quartim, o puritanismo sexual maoísta traz aspectos mórbidos à repressão sexual exercida pelo estado, uma vez que todas as relações mantidas fora do matrimônio são consideradas ilegais (o que se aplica às relações homoeróticas). Neste sentido, cabe remeter-nos a outro autor, Amylton de Almeida, que relata esta repressão, especificamente no caso dos homossexuais:

*“Na China, toda atividade sexual fora do matrimônio é ilegal e a homossexualidade é considerada uma perversão e condenada com internamento em ‘campos de reeducação’, e depois da ‘segunda reincidência’, com pena de morte (um dos políticos dirigentes do partido confessou a um político norte-americano que resolviam ‘o problema’ afogando nos rios todos os homossexuais.”*²⁵

Já o que Quartim chama de o segundo “caso extremo”, é o iugoslavo, extremo por liberar a prática do naturismo (o autor não fala acerca da homossexualidade na Iugoslávia). Indicar este como um caso extremado faz com que percebamos que a esquerda brasileira da década de setenta não era, sem dúvida, libertária. Existia ainda um conservadorismo latente o bastante para considerar a prática naturista e sua liberação em “solo socialista” como algo extremo e indesejado, como se a nudez pudesse ferir os princípios marxistas revolucionários.

²⁴ QUARTIM, João. O campo socialista e a revolução sexual. In: *Cadernos do Presente – Sexo e Poder*, São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 167-183.

²⁵ ALMEIDA, Amylton de. Op. Cit., p. 43.

Uma revolução na ordem dos costumes seria, então, algo distante deste ideário. Quanto ao caso cubano, que no artigo de Quartim tem o subtítulo *Os barbudos libertários*, não parece ter esta conotação no que tange à liberalidade quanto às práticas homoeróticas, mesmo que haja a tentativa do autor de amenizar estas posturas do regime castrista:

*“Sem dúvida, o espírito libertário dos ‘barbudos’ tem limites. Ainda que seja falso dizer que o homossexualismo seja sistematicamente perseguido em Cuba (cruza-se com muitos ‘desmunhecados’ em Havana), os comportamentos considerados ‘anormais’ são socialmente reprovados e politicamente condenados.”*²⁶

Diferentemente de Almeida que, no que se refere a Cuba, escreve:

*“Em Cuba [a homossexualidade] é ilegal. Recentemente o fotógrafo Nestor Almendros, no documentário Conducta Imprópria denunciou a perseguição a homossexuais, além da existência de ‘campos de concentração’. Num deles está escrito à entrada: ‘Aqui vocês aprenderão a ser homens’.”*²⁷

A maneira como são chamados os homossexuais pelo autor demonstra que suas concepções de libertarismo são bastante tacanhas, uma vez que, não apenas em 1979, mas ainda nos dias atuais, é depreciativo o termo *desmunhecado*.

*“Quem quer mudar o mundo não pode fazer do amor sexual o ópio que alimenta paraísos artificiais falaciosos e frágeis. Neste sentido, o ‘puritanismo revolucionário’ tem sua razão de ser.”*²⁸

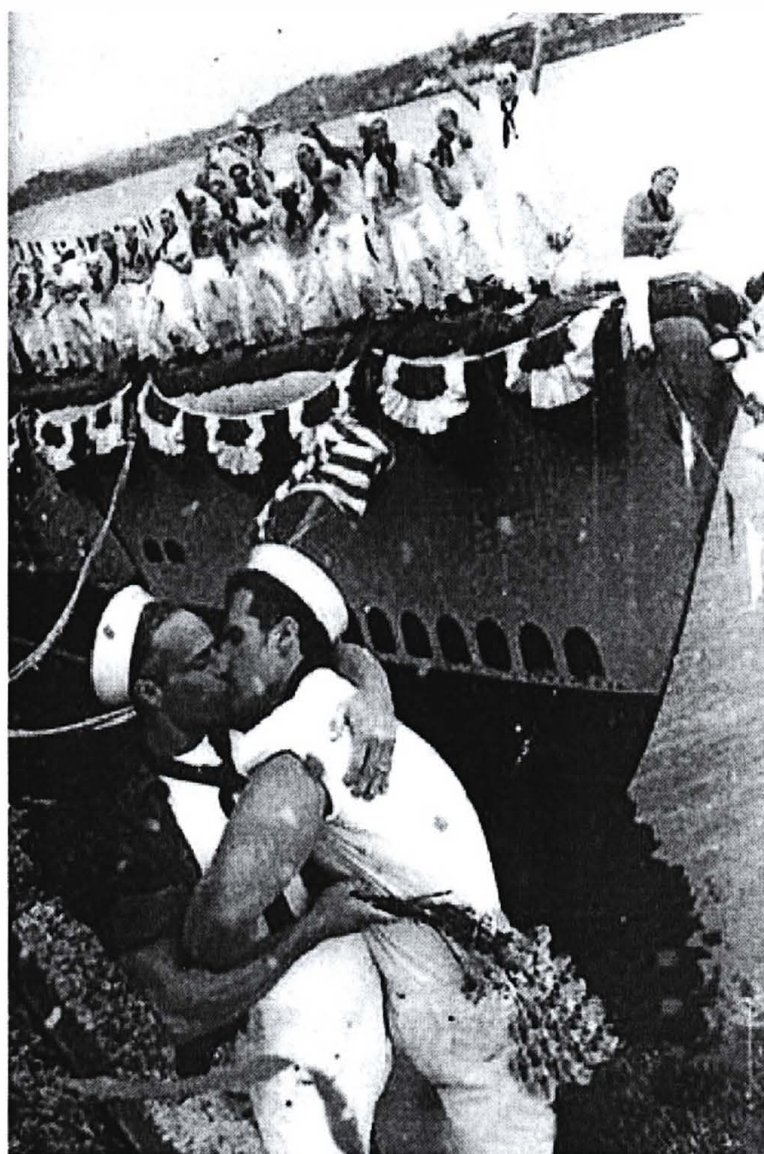
²⁶ QUARTIM, João. Op. Cit., p. 175.

²⁷ ALMEIDA, Amylton de. Op. Cit., p. 44.

²⁸ QUARTIM, João. Op. Cit., p. 182.

A transposição destes modelos e da moral que contêm para o campo da esquerda brasileira das décadas de sessenta e setenta nos parecem relevantes e indispensáveis para análise da homofobia da esquerda. A manutenção desta moral parece ser a opção de Quartim.

capítulo III



“Na terceira noite, o navio afundou.”

Caio Fernando Abreu
(Mergulho II)

A ruptura: Fernando Gabeira e João Silvério Trevisan

Principalmente a partir dos anos setenta e mais intensificadamente na década seguinte, o número de militantes promovendo a crítica às ações da esquerda cresceu bastante. A guerrilha derrotada, o PCB sendo alvo da caçada do regime por ser o que restava da esquerda brasileira e a falta de unidade entre os segmentos restantes auxiliaram nesta empreitada. Segundo Lucileide da Costa Cardoso, é nos anos oitenta que o rememorar das duas décadas anteriores apareceria no mercado editorial, seja em narrativas dos integrantes da oposição ou do próprio regime¹. Como exemplo destas publicações que pode nos ser útil nesta análise, escolhemos a obra memorialística de Fernando Gabeira intitulada *O Crepúsculo do Macho*.

Fernando Gabeira, tendo participado das atividades guerrilheiras nos anos 60, integrando o grupo Dissidência da Guanabara, que assumiria posteriormente o nome de Movimento Revolucionário 8 de Outubro – MR-8, foi, por estas atividades, preso, trocado por um diplomata e exilado, passando a maior parte dos dez anos de exílio na Europa, mais especificamente na Suécia. Neste país teve contato com novas possibilidades políticas, em especial os grupos feministas de então.

¹ Segundo Lucileide da Costa Cardoso, em seu artigo *Construindo a memória do regime de 64*, publicado na Revista Brasileira de História, vol. 14, nº 27, São Paulo: Anpuh-Marco Zero, de 1994, as obras memorialísticas publicadas nos anos 80, vêm tentar construir várias memórias do regime, seja em defesa da “revolução”, no desencanto com o poder ou na crítica ao regime e mesmo às formas radicais de combate ao mesmo. A autora elenca as seguintes obras: Armando Falcão (*Tudo a Declarar*, 1989); Hugo Abreu (*O Outro Lado do Poder*, 1979; *Tempo de Crise*, 1980); Carlos Alberto Brilhante Ustra (*Rompendo o Silêncio*, 1987); Amílcar Lobo (*A Hora do Lobo*, *A Hora do Carneiro*, 1989); a trilogia escrita por Fernando Gabeira e já citada anteriormente; Alfred Syrkis (*Os Carbonários – Memória da Guerrilha Perdida*, 1980); Frei Beto (*Batismo de Sangue*, *Os Dominicanos e a Morte de Carlos Marighella*, 1982); Alípio de Freitas (*Resistir é Preciso – Memória do Tempo da Morte Civil do Brasil*, 1980), sendo os primeiros cinco escritos por agentes do poder e os demais por opositores ao regime.

A militância e convivência juntamente a estes grupos feministas fizeram com que Gabeira tomasse conhecimento de posições contrárias àquelas vividas no Brasil, dentro da esquerda. Com esta experiência, o ex-guerrilheiro pôde reelaborar o período da luta armada, fazendo-lhe a crítica, alterando os fatos de acordo com sua memória, já que não se trata de um estudo histórico ou sociológico, mas de construção de uma memória dos grupos do período e, neste trabalho, reconstruir, tanto o *macho* preconizado dentro dos ideais da esquerda (militarizado e virilizado), quanto o que ele entendia ser o *novo macho*, mesmo que ainda dentro da esquerda (uma esquerda que Gabeira acreditava que deveria ser renovada). Ao fazer a crítica do período, Gabeira nos fornece fragmentos que nos ajudam a entender autores citados neste trabalho.

Foram elencados dois trabalhos que tratam diretamente da condição da mulher na sociedade de classes, Kollontai e Safiotti,. Seria correto dizer que há uma aproximação entre o campo das reivindicações das mulheres e o dos homossexuais?

Segundo o historiador brasileiro James Naylor Green, no Brasil encontramos, durante o século XX, a manutenção da diáde “bicha/bofe”. Isto significa que as relações entre homens encontraram-se moldadas pela atividade desenvolvida pelos indivíduos sexualmente, ou seja, os indivíduos “ativos”, aqueles que “penetram”, e os “passivos”, aqueles que são “penetrados”². Esta divisão relaciona-se também às mulheres, no sentido de que são também “penetradas”. Os penetrados estariam numa situação de subjugação ou subserviência, recebendo a ação de um indivíduo viril, masculino, o ativo. A imagem do penetrado é identificada com a imagem feminina. A cultura latina ainda exige daquele que é ativo, a pecha de homossexual. Ambos (mulher e bichas) seriam frágeis, submissos e exerceriam um papel menor na atividade política e social, por esta

² GREEN, James Naylor. Op. Cit., p. 29.

incapacidade trazida por seus atributos contrários à masculinidade. O agravamento no caso dos homossexuais é que sua prática sexual é considerada pela esquerda, um vício pequeno-burguês, algo degenerativo e que deve ser eliminado por sua contrariedade às leis da natureza. No tocante a esta proximidade entre gays e mulheres, em entrevista à revista *Veja*, o ator Walmor Chagas, em 1970, declarou:

*“Antes do homossexual, é preciso que a mulher se liberte.”*³

No relato de Gabeira a aproximação ao discurso feminista é bastante relevante. Isto se dá porque, em sua experiência na Europa, Gabeira ter tomado conhecimento e engajado-se nas lutas dos movimentos feministas, grupo que acreditou inicialmente poder englobar todas as discussões relativas à sexualidade e sua repressão, o que a experiência do retorno ao Brasil mostrou inviável, principalmente no tocante aos homossexuais. É preciso perceber qual é a relação da esquerda latina que Gabeira encontrou, mesmo no exílio, com os homossexuais:

*“Dois cantores que formavam um conjunto chamado Lês Etoiles tinham se disposto a fazer um show pelo Brasil. Eram cantores negros e homossexuais que atuavam no Dicophage e que iam abrindo seu caminho na França com bastante desenvoltura. O Comitê da Anistia [inicialmente chamado Comitê Carlos Lamarca] recusou a ajuda porque eram homossexuais.”*⁴

Ora, a atitude da parcela mais “libertária” da esquerda do período resolveu promover, em Paris, um debate acerca do tema *homossexualismo*. Gabeira resistiu um pouco para participar do debate.

³ CHAGAS, Walmor. Homossexualismo às claras. In: *VEJA*. nº 112. São Paulo: Abril, 1970, p. 04.

⁴ GABEIRA, Fernando. Op. Cit., p. 233.

Uma de suas dúvidas era justamente se ele poderia participar, uma vez que, contrariando as determinações impostas pela esquerda ao seu sexo, ele estava fazendo aulas de dança. E mostra sua culpa:

“Se não permitiam aos Lés Etoiles uma participação na luta pela anistia, o que fariam comigo que começara a dançar? Sim, Vera, tinha começado a dançar, com quase quarenta anos, tentando sacudir os fantasmas do tempo e do meu sexo. No princípio, sentia-me um pouco culpado e não sabia por quê. Convidei Joseph para me acompanhar, mas não quis. Fui sozinho. Acordei cedo, comprei a malha, a sapatilha, vesti antes em casa para me certificar que não estava ridículo, e fui. Carregando minha culpa, mas fui. Pensava que havia algo errado e que era o horário. Ao caminhar para a Academia de Ballet com meu passo normal, sentia que as pessoas iam desconfiar que estava me dirigindo naquela direção. Talvez me achassem fútil porque estavam todos trabalhando e eu, simplesmente, caminhando de cabeça erguida para uma aula de ballet. E se curvasse o corpo para mostrar que também eu era um trabalhador? E se curvasse bastante para dar a impressão que tinha um desvio de espinha e que as aulas eram terapêuticas, recomendadas pelo médico?”⁵

Podemos perceber que a esquerda moralizante influenciou indivíduos, de maneira que, pelo menos a alguns, tiveram que ser reelaboradas posteriormente, uma vez que, impondo um tipo correto, um modelo ideal de militante, excludente da diversidade sexual, fez com que estas pessoas ou não fizessem nada daquilo que lhes era “proibido”, ou que fizessem com um sentimento de culpa pavoroso.

⁵ Ibidem, p. 234-235.

Se a esquerda queria a revolução, o queria com sérias restrições, revolução no campo das macroestruturas. Alterações na forma adâmica de relação entre homem e mulher, jamais. É relevante dizer também que esta esquerda de orientação socialista, ocupou-se bastante em dilacerar as instituições religiosas em seus países (como o caso de Cuba em que Fidel pôs as *santerias* na ilegalidade, ou da Armênia, que se tornou um país oficialmente ateu no período governado pelo PC), mas manteve (e ainda mantém) uma estrutura sexual calcada no mais antigo mito judaico-cristão que tange ao homem: sua criação e sua união **natural** com o sexo oposto. Assim como um deus no Éden, a esquerda virilizante faz do barro homem e mulher para se completarem. Além de natural, é ideal, como percebemos da leitura de Kollontai⁶, nas demonstrações de seu “amor-verdadeiro”, “amor-paixão”, “amor-jogo”. O amor e as relações sexuais normatizadas como na cultura abraâmica.

Acerca de outro exemplo da forma como o socialismo trata ou discute o tema da homossexualidade, podemos citar o artigo de João Quartim, intitulado *O campo socialista e a revolução sexual*, publicado em SEXO e PODER. Quartim cita o caso do puritanismo maoísta chinês, em parte levado a cabo pela personalização do regime, denotando que, entretanto, nos países da Europa este maoísmo foi caracterizado

*“por um libertarismo sexual extremado, mas que, como freqüentemente ocorre nas ‘revoluções’ limitadas ao meio estudantil, queimou como fogo de palha.”*⁷

Podemos perceber que Quartim critica o caso chinês por seu puritanismo, porém, deixando claro que o libertarismo europeu (do qual Gabeira teve acesso nos cerca

⁶ KOLLONTAI, Alexandra. Op. Cit.

⁷ QUARTIM, João. Op. Cit., p. 179.

de dez anos de exílio na Europa, cabendo ainda ressaltar que este texto é de 1979, ano da publicação também do primeiro número da trilogia de Gabeira) é algo indesejado e sem qualquer possibilidade de afirmação, uma vez que restrito aos meios estudantis. Cabe lembrar que estes meios estudantis dos quais Quartim faz referência, estão vivendo em sua maioria, em consonância não apenas com as leituras socialistas, mas principalmente da contracultura e seus ideais de amor livre e liberdade. Neste caso, a visão socialista, como a capitalista, oprime estes ideais. Se citamos Quartim, mesmo que tratando de um outro local (China), estamos falando de um brasileiro escrevendo no Brasil para brasileiros, o que nos possibilita dizer que tem o autor um intuito de, aqui, dizer o que entende por bem quanto à perspectiva socialista. É um representante da esquerda brasileira que, ao final de seu texto, afirma que “*o puritanismo revolucionário tem sua razão de ser*”. A este respeito, cabe tentar apreender o que os homossexuais produziram a este respeito.

Da mesma publicação, cumpre citar o debate intitulado *As minorias sexuais*, com a presença de homossexuais e mulheres.

“Inês – Diz-se que a classe trabalhadora constitui o único movimento político que realmente interessa...”

*Trevisan - ... ‘prioritário’ é a palavra usada...”*⁸

E ainda:

“Quando lá se subordinou a questão feminina às diretrizes de um partido político...”

Trevisan - ... todos os partidos comunistas, em geral, fazem isso...

⁸ CARVALHO, César Augusto de. *As minorias sexuais*. In: *Cadernos do Presente – Sexo e Poder*, p. 131.

César Augusto – Sim, e qual é o resultado? Caso a sociedade seja modificada, as minorias continuam sendo um tanto ou mais reprimidas do que antes.”⁹

Segundo McRae, nem mesmo a própria contestação deixara de ser afetada pelo espírito de inovação¹⁰. Os anos de ditadura teriam promovido uma crise na intelectualidade, trazendo inquietações e dúvidas acerca das concepções políticas até então vigentes. Em especial os discursos sobre o povo, suas dificuldades e suas lutas, não eram mais os únicos anseios de uma parcela dos integrantes daquela esquerda. Na busca de soluções próprias para as contradições apresentadas na opção pela luta maior do proletariado, grupos de estudantes e intelectuais voltavam suas preocupações para questões como o corpo, o erotismo, a subversão de valores e comportamentos, buscando inspiração nos movimentos da contracultura. Temas como uso de drogas, psicanálise, o corpo, o rock, os circuitos alternativos, o homoerotismo passaram então a fazer parte das discussões, em detrimento da luta maior, buscada anteriormente:

"A teoria e a prática das esquerdas eram questionadas, sendo apontado seu conservadorismo cultural, refletido na sua dificuldade em inovar nas áreas das artes e dos costumes.

O marxismo ficava estigmatizado como 'caretice' e difundia-se uma nova noção - não existia a possibilidade de uma revolução ou transformação social sem que ocorresse também uma revolução ou transformação individual.”¹¹

⁹ Ibidem, p. 133.

¹⁰ MACRAE, Edward John Baptista das Neves. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990, p. 20.

¹¹ Ibidem, p. 21.

Ainda segundo MacRae, dentro deste quadro, entende-se melhor o motivo da força das críticas aos esquerdistas ortodoxos, cujo moralismo irritava jovens e estudantes. As lideranças da esquerda, utilizando-se do pretexto de tentar não desagradar um possível simpatizante proletário, se colocavam contra várias práticas desta juventude, como, por exemplo, insistir no casamento destes companheiros de militância, quando estes estavam habituados a manter relacionamentos sexuais descompromissados. E ainda:

*"A homossexualidade era perseguida de forma mais veemente ainda, levando à defecção de muitos militantes, alguns dos quais iriam, mais tarde, engrossar as fileiras do movimento homossexual."*¹²

Neste sentido, faz-se importante ressaltar a obra de João Silvério Trevisan, num momento outro ao de Gabeira: este último ainda elabora suas críticas no campo da esquerda, já Trevisan, após desencontros com estes grupos de esquerda, promove suas críticas no nascente movimento homossexual brasileiro. Elaine Marques Zanatta, refere-se a este movimento como sustentando-se no tripé identidade, sexualidade e cidadania, buscando a elaboração de uma identidade homossexual, o direito ao exercício livre das escolhas sexuais **individuais** e uma autonomia do movimento; não menos difícil que a auto-definição enquanto homossexual, foi a imediata necessidade de lutar contra a violência da sociedade contra os homossexuais, seja ela realizada por parte do Estado, da ação da polícia, sendo comuns batidas policiais nas avenidas, no período noturno, e a prisão das "bichas", ou ainda da esquerda, estimulando o isolamento em guetos¹³.

João Silvério Trevisan é escritor de literatura ficcional e ensaística, dramaturgo, tradutor, jornalista, coordenador de oficinas literárias, roteirista e diretor de

¹² Ibidem, p. 24.

¹³ ZANATTA, Elaine Marques. Documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80. In: *Cadernos AEL*, nº 5/6, Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

cinema¹⁴. Viveu num seminário católico dos dez aos vinte anos, quando saiu para viver sua homossexualidade e fazer cinema. A visão anti-autoritária foi adquirida após a experiência no seminário católico e foi devidamente adequada ao tratamento dado pela esquerda quanto aos grupos homossexuais do fim da década de 70 e princípio da década de 80:

*“Eu sempre acreditei na esquerda, mas não a ponto de sacralisá-la. Acredito que é a esquerda quem tem contribuições a dar para a sociedade, porque a direita está toda presa ao passado, toda presa a privilégios do passado. No entanto, a esquerda se prevalece dessa posição supostamente salvaçãoista para impor um determinado tipo de poder (...). E o meu problema é que, depois de ter passado por seminário [católico], não tenho condições de acreditar em dogmas de espécie alguma. Foi para mim definitivo o contato com o autoritarismo eclesiástico. Tenho uma profunda crítica a fazer ao autoritarismo a partir do que vivi por dentro.”*¹⁵

Trevisan fez parte da fundação do Grupo Somos de Liberação Homossexual, na cidade de São Paulo, iniciado em 1978. Os rachs ocorridos neste grupo se deram em razão das inúmeras divergências quanto ao autonomismo, em razão de uma parcela deste grupo querer ligar-se a partidos de esquerda de então (em especial o nascente

¹⁴ João Silvério Trevisan tem publicadas as obras: *Testamento de Jônatas deixado a David* (contos, 1976); *As incríveis aventuras de El Cóndor* (romance juvenil, 1980); *Em nome do desejo* (romance, 1983); *Vagas notícias de Melinha Marchiotti* (romance, 1984); *Devassos no Paraíso* (ensaio histórico-antropológico, 1986/3ª ed. revista e ampliada 2000); *O Livro do Avesso* (romance, 1992); *Ana em Veneza* (romance, 1994); *Troços & destroços* (contos, 1997); *Seis balas num buraco só: a crise do masculino* (ensaio, 1998). Escreveu e realizou os filmes *Contestação* (curta-metragem, 1969) e *Orgia ou o homem que deu cria* (longa-metragem, 1971). Além desses, escreveu os roteiros dos filmes *Doramundo*, de João Batista de Andrade (1977) e *A mulher que inventou o amor*, de Jean Garret (1981). Já teve peças encenadas, dentre as quais: *Heliogábalos & Eu* (Cia. de Teatro de Séraphim, direção de George Moura); *Em nome do desejo* (Cia. Teatro de Séraphim, direção de Antonio Cadengue); e *Troços & Destroços* (Teatro Universitário da U.F.M.G., direção de João das Neves). Recebeu inúmeros prêmios em teatro, cinema e literatura, dentre os quais o Jabuti (três vezes) e o APCA (duas vezes). Tem obras traduzidas para o inglês, o alemão e o espanhol. Escreve para jornais e revistas de todo o país e do exterior.

¹⁵ TREVISAN, João Silvério. Entrevista concedida a Miguel Rodrigues de Sousa Netto, em 22 de junho de 2002, inédita.

Partido dos Trabalhadores). O motivo dos rachas e a condenação dos grupos de liberação ao ostracismo pela esquerda¹⁶, contribuíram para o arrefecimento da crítica ao moralismo e à virilidade patriarcal exercida pelos grupos de esquerda elaborada por Trevisan.

A este respeito, cabe citar uma fala de Trevisan no debate intitulado *Minorias Sexuais*, coordenado por Flávio Aguiar, integrante da antologia *Cadernos do Presente – Sexo & Poder*, da qual já nos utilizamos de outros textos. Na referida fala, o tema do patriarcalismo e a maneira como a manutenção deste leva à uma virilização da esquerda, por meio da manutenção dos papéis sociais do “macho” e da “fêmea”, ou ainda, do “não-macho”. Este assunto foi abordado também por James Naylor Green, que utiliza a diáde “bicha/bofe”, como forma mantida nesta sociedade patriarcal¹⁷. Emílio Bejel trata deste tema utilizando as figuras de “penetrante” e “penetrado”, como formas de manutenção do poder dos primeiros sobre os segundos, sejam eles homossexuais ou mulheres. Dentre o já narrado, diz Trevisan:

*“A consagração da heterossexualidade é, sem dúvida, um outro produto cultural do patriarcado. Nas análises sociais geralmente feitas por aí, as coordenadas giram em torno da luta de classes. Caiu fora disso, não se sabe mais o que dizer. Se eu for considerado pequeno-burguês e não classe operária, então não tenho nada mais a fazer senão curtir esse sentimento de culpa diante da revolução... ora, chega de sentimentos de culpa.”*¹⁸

A primeira obra do ativista, intitulada *O testamento de Jônatas deixado a David*¹⁹, é um conjunto de vinte contos, a saber: *Cruel Revelação*; *O Amigo do meu Tio*; *Interlúdio em San Vicente*; *La Llorona*; *A Vaquinha que morreu de Pânico*; *Ó Pátria*

¹⁶ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Op. Cit., p. 367.

¹⁷ GREEN, James Naylor. Op. Cit., p. 26.

¹⁸ AGUIAR, Flávio. *As minorias sexuais*. In. *Cadernos do Presente – Sexo e Poder*. Op. Cit., p. 134.

¹⁹ TREVISAN, João Silvério. *O testamento de Jônatas deixado a David*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

Amada!; A China está Longe; Mais do que os Mortos; Mato de Cima (Discursinho sobre o Descondicionamento); Réquiem; Testamento de Jônatas Deixado a David; O Onanista; Conto para Fadas; Notícias Tropicais; Nem Romeu nem Julieta; Conversa; Tempos de Elvira Madigan; O Matador Atira; Reminiscências da Diáspora; Formiguinhas, Formiguinhas.

As personagens são solitárias e procuram identificação no próximo, desejam o afeto e lutam por ele; quando o alcançam são privados por fatores externos ao relacionamento desfrutado, como o padre que flagra os dois seminaristas no conto que dá título ao livro, ou a morte por câncer do irmão obliterando o sentimento em *Tempos de Elvira Madigan* ou ainda a falta de coragem em assumir um amor que o tempo não matou mas trouxe família e filhos para os amantes talvez platônicos em *O amigo do meu tio*. Vemos o conflito religioso do sagrado e profano em vários momentos, por exemplo, no mesmo *Testamento de Jônatas deixado a David*, conto onde a paixão de um seminarista por seu colega vai aflorando aos poucos até o ponto da consumação do amor proibido, e também no ambíguo texto de *O Matador atira*, onde ocorrem paralelas a vocação para Cristo e para o terrorismo político.

A tentativa de compreensão e crítica da esquerda do período é um tema que perpassa alguns dos contos da obra. Dentre estes, cabe ressaltar um, dando cabo de um pequeno resumo:

Em *Conto para Fadas* o autor narra a história de um pequeno feto que tem vontade de coçar seu dedão do pé e não consegue. Revolta-se. A mãe lhe afaga e lhe pede: “*seja bonzinho, seja um nenê equilibrado; equilibrado, maduro e razoável. Seja assim.*”. O feto acomoda-se no ventre, então. Nascendo, é recebida por um anjo

“manco, o anjo. Com uma peruca loira feita de cachos estragados e já desbotada pelo uso. Uma cara de idiota e tímido também, com seus lábios pintados de rosa antigo, as asas tortas de papel crepom manchado de chuva. E que começou a falar coisas bobas nas horas mais impróprias, de tal modo que o nenê mamava e pensava: ‘onde já se viu um anjo mais desclassificado!’ Até que o anjo sumiu.”

O nenê torna-se uma boa menina. Na adolescência, nova revolta, novo cansaço e mais uma vez a razoabilidade. Casa-se, tem filhos e envelhece. Na velhice a revolta retorna com mais força:

“Sem mais remédio, começou a gritar que estava enjoada de tudo. Esperneou. Descabelou-se. Quis olhar sua cara de velhinha no espelho. E continuava sempre sentindo tédio outra vez, coisa que era de enlouquecer. Aí o marido lhe bateu. Os filhos tiveram que faltar na fábrica porque a velhinha não os acordava mais de manhã nem queria fazer comida. Foi uma verdadeira tragédia no seio daquela família antes igual às outras.”²⁰

Podemos tentar analisar algumas referências no texto construído pelo autor como críticas à esta esquerda homogeneizante citada anteriormente: em princípio, a velhinha é um indivíduo que se desajusta à norma vigente. Esta norma determina papéis e comportamentos. Uma mulher não deve trilhar caminhos revoltosos, deve casar-se e submeter-se. Em sendo um indivíduo submetido ao marido (aqui poderíamos fazer referência novamente às figuras do “penetrante” e “penetrado”, constituindo as relações de poder), quando sai desta norma, este (que exerce o poder), lhe bate.

²⁰ TREVISAN, João Silvério. *Testamento de Jônatas deixado a David*. Op. Cit., p. 101.

Importante a referência aos filhos. Eles trabalham. Na fábrica. São proletários. A classe proletária está sendo tolhida de suas atividades normais porque a velhinha, inadequada ao sistema, não exerce mais suas funções, prejudicando toda uma classe. Para isso, resta uma solução: *“Até que todos resolveram o que era mais sensato. Internaram a velhinha num asilo.”*²¹.

A velhinha se absorve na vida cotidiana do asilo, no convívio com outros velhos esperando também a morte. Um dia, a morte chega. A velhinha começa a morrer. Vem-lhe o anjo da infância, *“um choque de delícias, na verdade inconfessável. Porque o anjo, nesse período todo de ausência, aprendera a cuidar-se, aprendera um montão de coisas pelo jeito, e remoçara.”*, que lhe diz:

*“- Coisas que desde aquela vez no útero estou guardando, sacou? Mas eu também era muito bobo naquele tempo. Olha, presta atenção. Todos não existe, velhinha. Todos é uma expressão inventada e imposta pelos mais fortes, pelos que estão por cima. Porque a vontade de todos é na verdade a vontade deles, nunca a nossa. Me entende?”*²².

Podemos relacionar a fala do anjo com outra fala de Trevisan, no citado debate *As minorias sexuais*:

*“A mulher, o negro e o homossexual têm alguns problemas específicos, outros comuns. Mas somos todos igualmente definidos como minorias porque nossos problemas, de um ponto de vista dogmático [da esquerda], são, na verdade, considerados como politicamente irrelevantes.”*²³

²¹ Idem.

²² Idem, p. 103.

²³ AGUIAR, Flávio. Op. Cit., p. 132.

A tentativa presente neste conto, é de crítica à esquerda do período, presente na figura do agente *todos*, que “ludibriava” o feto, que podem representar os indivíduos homoeróticos do período, no intuito de reunião de todas estas reivindicações “menores” na qualidade de “minorias” e o afastamento de tal idéia pelos grupos homossexuais. É o intuito de homogeneização dos desejos elaborado pela esquerda do período. A figura do anjo pode ser remetida à dos homossexuais que adotaram posturas diversas a estas, como o autor que, durante o período de auto-exílio no princípio dos anos 70, esteve em vários países da América Latina e nos Estados Unidos da América, onde teve contato com um novo ideário e novos campos de reivindicação, trazidos pelo crescente movimento *gay* internacional, processo similarmente vivido por Gabeira e narrado anteriormente. Quanto ao título da obra, cabe ainda remeter-nos a Aldo Pereira:

*"Alguns textos de inspiração anti-religiosa, atribuem a Davi e Jônatas, filho de Saul, uma ligação homossexual. Essa alegação baseia-se no desabafo de Davi diante do cadáver do amigo, quando diz: 'Meu amor por ti foi mais precioso do que o amor pelas mulheres' (II Samuel, 1: 26)."*²⁴

Nos parece um intuito de dar voz ao indivíduo que não teve direito a ela. Jônatas, no texto bíblico, não tem qualquer fala, é apenas Davi que se pronuncia. Aos homossexuais também era negado o direito à fala, às reivindicações próprias, tanto à direita quanto à esquerda, entendemos, portanto, estes textos como parte de um testamento destes indivíduos, num momento de passagem de um estado de subjugação para outro, bastante diverso, de autonomia dos demais movimentos sociais, em especial da luta socialista, em que seus desejos individuais (e principalmente de liberação sexual) seriam alçados como bandeira. Quanto à relação com os demais segmentos, ressaltamos:

²⁴ PEREIRA, Aldo. *Dicionário da Vida Sexual* - vol. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1981, p.190.

“Mesmo às tontas, o então incipiente grupo buscava contestar a própria questão do poder, ciente de que nossa sexualidade (nossa terra de ninguém) estava sofrendo um controle social inerente a qualquer forma de poder disputado e conquistado. Para um período que ainda obedecia aos ecos da revolução de estilo comunista, tal proposta soava muito atrevida, quando vinda de companheiros esquerdistas, pois contestava a legitimidade das autodenominadas vanguardas de esquerda tomarem o poder ‘em nome do povo’. (...) Éramos um bando de solitários, atacados pela direita e abastardados pela esquerda, tateando uma linguagem mais adequada às dimensões recém descobertas do nosso desejo.”²⁵

²⁵ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*, 3ª ed. São Paulo: Record, 2000, p. 341.

Conclusão

Foi elencada como uma possibilidade deste trabalho tentar perceber porque o tema do homoerotismo não pôde ser pensado pela esquerda brasileira nos anos sessenta e setenta, tendo esta, pelo contrário, rejeitado as figuras homoeróticas em detrimento de um tipo especial de militante, viril, mesmo que, em determinados momentos, como na segunda metade da década de 70, ela tenha açambarcado para perto de si o nascente movimento de liberação gay brasileiro, engrossando fileiras nas lutas pela redemocratização do país. Duas obras literárias foram indicadas como possibilidades de ruptura com este modelo, a primeira de Fernando Gabeira, dentro do campo da esquerda, e a segunda de João Silvério Trevisan, ativista de grupos de liberação gays da década de 70.

Após elencarmos trechos destas obras, falas de homossexuais ativistas do final da década de 70, analisarmos textos importantes para a formação intelectual da esquerda do período, podemos perceber claramente que a homofobia esquerdista está presente desde a formação do pensamento socialista que orientou os intelectuais brasileiros, como trabalhos de Reich.

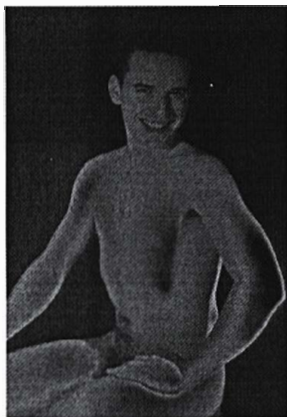
Se esta homofobia é percebida nos textos clássicos de Marx, Engels, Lênin, Reich e Kollontai, se ela está materializada no companheiro viril e militarizado das *sierras maestras* cubanas, e se a esquerda brasileira bebe destas fontes (acrescentando-se que estamos tratando de uma sociedade de organização patriarcal), podemos afirmar que a esquerda brasileira das décadas de 60 e 70 apresenta forte homofobia e, devendo a esquerda atual grandes créditos à sua antecessora, o que temos é uma manutenção da homofobia dentro do campo político institucionalizado, por que o socialismo, que orientou e orienta ainda esta parcela social, exclui, em sua formação, a diversidade sexual, uma vez que exclui o uso das liberdades individuais. A este respeito, Vera Sílvia Magalhães, em

citada entrevista a Rosangela Patriota e Alcides Freire Ramos, apresenta a esquerda do período como marcadamente autoritária e não interessada na democracia, mas na mudança de uma ditadura (capitalista) por outra (a do proletariado). E Gabeira nos interessa por, ao narrar sua experiência, nos apresentar os traços desta esquerda e daquilo com que tomou contato em seu período de exílio. O fim da década de 70 é um período em que vislumbramos o princípio do movimento de liberação gay. João Silvério Trevisan, é um importante ativista neste momento, à frente do grupo *Somos* de afirmação homossexual e do jornal *Lampião*. Estes grupos tiveram várias divergências políticas justamente por sua natureza individual, que não esteve contemplada nas diretrizes partidárias, seja do PCB, das dissidências ou, mais recentemente, do Partido dos Trabalhadores, que renegando a discussão ao campo das chamadas minorias, agrega ali aquilo que não se lhe apresenta como prioritário. Porém, os homossexuais principiaram, desde então, a buscar sua independência, e é por isto que não restringem mais seu debate ao debate da esquerda.

“Acho que o problema é do autoritarismo, de exercício patriarcal da autoridade, que tem acontecido nos regimes fascistas e, lamentavelmente, também nos regimes socialistas. Nesse sentido, há partidos socialistas que executavam e continuam executando ‘a caça às bichas’, ironicamente como em certas situações do período fascista.”¹

¹ AGUIAR, Flávio. Op. Cit., p. 152.

“epiléticos, hippies, mães solteiras, loucos, homossexuais, delinqüentes, prostitutas, ciganos, vagabundos, drogados e alcóolatrás, surdos-mudos, tísicos, exibicionistas, anões, leprosos, sífilíticos, albinos, anarquistas e em geral todas as mulheres; assim como aqueles cujas taras não são facilmente visíveis porém que por terem se convertido em seus próprios juízes se auto-excluem da sociedade dos normais, como os impotentes e as frígidas, os que se crêem covardes, incostantes ou perigosos, os pecadores, os tímidos, os que têm pênis pequeno. Mais da metade da humanidade. Metade da humanidade que não se ajusta em sua conduta, em seus sentimentos e suas atitudes à norma estabelecida pela classe dominante. Metade da humanidade que se sente culpada por haver transgredido à norma ou se sente anormal, enferma ou tarada. Toda a vida às voltas com sua própria identidade, tratando de encontrar seu papel com dignidade. Para todos esses se reservou um espaço: cárceres, reformatórios, hospitais, ghettos, comunidades, sanatórios, casas onde são etiquetados, diagnosticados, classificados; onde são ‘reabilitados’, reestabelecidos ou reformados, para que, uma vez expiados, limpos, ordenados e disciplinados, possam integrar o sistema ou, caso contrário, serem segregados e até eliminados fisicamente.”



referências bibliográficas

ABREU, Caio Fernando. *Pedras de Calcutá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

ALMEIDA, Amilton de. *My Funny Valentine ou A noite das longas facas Segunda parte*. Vitória: [s/n], 1985.

ARENAS, Reinaldo. *Antes que Anoiteça*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BEJEL, Emílio. Fresa y Chocolate o la salidade de la guarida. In: *Casa de Las Américas*. Cuba: Casa de las Américas. AñoXXXV, nº 196, Julio-Septiembre, 1994, p. 10-22.

CARDOSO, Lucileide Costa. Construindo a Memória do Regime de 64. In: *Revista Brasileira de História*, vol. 14, nº 27; Anpuh/Marco Zero, São Paulo, 1994, p. 179 – 196.

CAVALCANTI, Pedro Celso de Uchôa & RAMOS, Jovelino. *Memórias do Exílio*. São Paulo: Livramento, 1976.

CHAGAS, Walmor. Homossexualismo às claras. In: *VEJA*. nº 112. São Paulo: Abril, 1970, p. 04 – 10.

DANIEL, HERBERT. *Passagem para o próximo sonho – um possível romance autocrítico*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.

DEBRAY, Regis. *Revolução na Revolução*. São Paulo: CELAM, 1976.

FERNANDES, Florestan. *Da Guerrilha ao Socialismo: A Revolução Cubana*. São Paulo: TAQ, 1979.

GABEIRA, Fernando. *O Crepúsculo do Macho*. 22ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

GORENDER, Jacob. . *Combate nas trevas - A Esquerda Brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 3ª ed., São Paulo: Ática, 1987.

GREEN, James Naylor. *Além do Carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

GUEVARA, Ernesto. *A guerra de guerrilhas*. São Paulo: Populares, 1980.

GUEVARA, Ernesto. *Sierra Maestra: da guerrilha ao poder*. São Paulo: Populares, 1980.

KOLONTAI, Alexandra. *A nova mulher e a moral sexual*. 5ª ed. São Paulo: Global, 1978.

MACRAE, Edward John Baptista das Neves. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

MANTEGA, Guido. *Cadernos do Presente - Sexo & Poder*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

PATRIOTA, Rosangela & RAMOS, Alcides Freire. Vera Sílvia Magalhães: estrangeira em seu próprio país. In: *Revista Cultura Vozes*, vol. 92 nº 01, Petrópolis: Vozes, 1998, p. 104-114.

PAZ, Senel. *El lobo, el bosque y el hombre nuevo*. México [s/n], 1991.

PENNA, Lincoln de Abreu. *República Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PEREIRA, Aldo. *Dicionário da Vida Sexual* - vol. 1. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

REICH, Wilhelm. *O combate sexual da juventude*. 2ª ed. Lisboa: Antídoto, 1978.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes – mito e realidade*. São Paulo: Quatro Artes, 1969.

TREVISAN, João Silvério. *O testamento de Jônatas deixado a David*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso - a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3ª ed. São Paulo: Record, 2000.

ZANATTA, Elaine Marques. Documento e identidade: o movimento homossexual no Brasil na década de 80. In: *Cadernos AEL*, nº 5/6, Campinas: Editora da Unicamp, 1997.